



## 25 DE SETEMBRO DE 2015

### Sexta-feira

- CHEFE DA PORSCHE SERÁ O NOVO PRESIDENTE DA VOLKSWAGEN, AFIRMA IMPRENSA AMERICANA
- ENERGIA RESIDENCIAL SUBIRÁ ATÉ 8% COM LIMINAR QUE BENEFICIA INDÚSTRIA
- APÓS CASO VOLKSWAGEN, FRANÇA E REINO UNIDO FARÃO TESTES EM VEÍCULOS
- INDA VÊ AUMENTO DE PREÇOS DE AÇOS PLANOS DE 7 A 10% A PARTIR DE 01/10
- VENDA DE AÇO PLANO POR DISTRIBUIDORES NO BRASIL EM AGOSTO CAI 29,6%, DIZ SINDISIDER
- BMW TAMBÉM FRAUDOU EMISSÕES, DIZ REVISTA ALEMÃ; MONTADORA NEGA
- VOLKSWAGEN DIVULGA LISTA DE VEÍCULOS COM EMISSÕES POLUENTES
- OURO FECHA NO NÍVEL MAIS ALTO EM 5 SEMANAS COM BUSCA POR 'REFÚGIO SEGURO'
- EXPORTADORAS SERÃO DESTAQUE NO 3º TRIMESTRE
- TOMBO DE SIDERÚRGICAS PUXA QUARTA BAIXA SEGUIDA DA BOLSA
- CARVÃO CAI A US\$50/T PELA 1ª VEZ DESDE 2003
- PARA VALE, CHINA TEM MUITO AÇO PELA FRENTE PARA CONSUMIR
- EXPORTAÇÃO ALIVIA CRISE DAS AUTOPEÇAS
- MDIC ASSINA ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA COM OITO ESTADOS BRASILEIROS
- BC MANTÉM PROJEÇÃO DE CRESCIMENTO DE 9% PARA O CRÉDITO TOTAL EM 2015
- ATIVIDADE INDUSTRIAL MENOR REFORÇA TEMOR COM A CHINA

- CRESCE PARTICIPAÇÃO DAS AGROINDÚSTRIAS ENTRE AS LÍDERES DAS EXPORTAÇÕES
- CRISE ECONÔMICA ATINGE EMPRESAS IMPORTADORAS DE BENS DE CAPITAL
- CONTRATOS POR LEASING DÃO DOR DE CABEÇA A CONSUMIDORES
- EMPREGO RECUA SETE ANOS EM OITO MESES, MOSTRA IBGE
- GOVERNO ELEVA A TAXA DE FINANCIAMENTO DO BNDES PARA 7% AO ANO
- CMN APROVA TRANSFERÊNCIA DE APOSENTADORIA PARA PLANOS DE PREVIDÊNCIA LIVRE DE IR E IOF
- DECISÃO JUDICIAL DEIXARÁ A LUZ 8% MAIS CARA ATÉ 2016, DIZ A ANEEL
- LEVY DIZ QUE BRASIL TEM FERRAMENTAS DE PROTEÇÃO PARA GARANTIR BOM FUNCIONAMENTO DA ECONOMIA
- CATERPILLAR REDUZ PREVISÃO DE RECEITA ANUAL E PODE CORTAR ATÉ 10 MIL EMPREGOS
- EX-CEO DA VOLKSWAGEN PODE RECEBER R\$ 285 MILHÕES APÓS DEMISSÃO POR CAUSA DE ESCÂNDALO
- TOMBINI DIZ QUE BRASIL PASSA POR 3 AJUSTES IMPORTANTES: EXTERNO, FISCAL E MONETÁRIO
- DILMA VETA POSSIBILIDADE DE FINANCIAMENTO DE EMPRESAS EM CAMPANHAS ELEITORAIS
- MONTADORAS QUEREM PREVISIBILIDADE PARA PLANEJAR RETOMADA
- MERCEDES DESENVOLVE MOTOR-GERADOR PARA ELETRA
- NISSAN MOTOR PASSA A TER SUBSIDIÁRIA NA ARGENTINA
- MÉXICO PODE SALVAR VENDAS DA KIA NO BRASIL
- UCATI COMEÇA A MONTAR SCRAMBLER EM MANAUS
- DISTRIBUIDORES DE AÇO PLANO ESPERAM ALTA DE PREÇOS PELAS USINAS A PARTIR DE OUTUBRO
- POLI-USP PASSA A OFERECER MESTRADO VOLTADO AO INOVAR-AUTO
- MERCOPAR 2015 REUNIRÁ MAIS DE 400 EXPOSITORES
- PREÇOS DE PRODUTOS NA 'PORTA DA FÁBRICA' SOBEM 0,97% EM AGOSTO, REVELA IBGE
- INVESTIDOR TEME CALOTE E O RISCO BRASIL DISPARA
- PREÇOS DE ATIVOS NÃO SE AJUSTAM À CRISE E DIFICULTAM NEGÓCIOS, DIZEM GESTORES
- PESQUISA APONTA QUE EXECUTIVOS BRASILEIROS SÃO OS MAIS PESSIMISTAS

- [BRASIL ENTRou NUMA ESPIRAL NEGATIVA, DIZ EL-ERIAN EM ARTIGO](#)
- [QUEDA NA PRODUÇÃO SE ACENTUA EM AGOSTO, INFORMA CNI](#)
- [ARTIGO: OS VÍCIOS DO DESENVOLVIMENTISMO](#)

<b>CÂMBIO</b>		
<b>EM 25/09/2015</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,922	3,922
<b>Euro</b>	4,375	4,377

**Fonte: BACEN**

### [Chefe da Porsche será o novo presidente da Volkswagen, afirma imprensa americana](#)

25/09/2015 – Fonte: O Estado de S. Paulo



A Volkswagen vai indicar Matthias Müller - atual CEO de sua divisão de carros esportivos Porsche - como seu novo presidente, afirma uma reportagem publicada nesta quinta-feira pelo jornal americano Wall Street Journal.

Citando uma fonte envolvida nas negociações, a matéria diz que o executivo de 62 anos será formalizado no cargo após uma reunião do conselho de montadora alemã, marcado para amanhã.

Ele será o substituto de Martin Winterkorn, que deixou ontem a maior montadora do mundo após a explosão do escândalo de fraude nas emissões de poluentes dos carros a diesel da empresa, que está se tornando conhecido como chamado Dieselgate.

Ontem, Martin Winterkorn anunciou sua demissão do cargo após uma reunião na qual o ex-CEO prestou esclarecimentos ao conselho de supervisão da marca. Com a saída da companhia, a quantia que ele pode receber é de aproximadamente US\$ 69 milhões (R\$ 285 milhões).

O montante a ser pago a Winterkorn irá depender de como os diretores da companhia entenderão sua saída do cargo, segundo a Bloomberg. O ex-CEO pode receber, além de

uma quantia garantida ao final de 2014, os seus direitos rescisórios por interrupção de contrato, o que só existirá se sua demissão não for considerada por justa causa.

O escândalo que culminou na demissão de Winterkorn teve início na última sexta-feira, com a divulgação de uma nota por parte de uma agência nos Estados Unidos que culpava a Volkswagen de usar em 500 mil veículos um software para fraudar testes de emissões em veículos a diesel.

Nos dias que se seguiram, o escândalo aumentou de peso com a admissão da empresa que 11 milhões de veículos ao redor do mundo receberam o dispositivo fraudulento, que permitia que os carros emitissem até 40 vezes mais gases poluentes do que as regulações governamentais.

O escândalo chocou a Alemanha, onde um de cada sete empregos é ligado à indústria automotiva. Estima-se que, apenas nos EUA, as multas para a empresa possam chegar a US\$ 18 bilhões.

## **Energia residencial subirá até 8% com liminar que beneficia indústria**

25/09/2015 – Fonte: A Folha de S. Paulo

A diretoria da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) aprovou nesta quinta-feira (24) o cumprimento de uma liminar que reduz um encargo nas contas de energia para grandes indústrias, mas deve impactar os consumidores residenciais com altas de até 8% nas tarifas em 2016.

A decisão judicial, que beneficia os membros da Abrace, uma associação que reúne indústrias com grande consumo de eletricidade, foi concedida em julho deste ano e isenta essas empresas de parte dos custos com a Conta de Desenvolvimento Energético (CDE), um encargo cobrado para fazer frente a diversos subsídios do setor elétrico.

Além dos consumidores residenciais, as distribuidoras de energia também serão afetadas pela decisão, com queda de faturamento, uma vez que só poderão repassar os custos não pagos pelas associadas da Abrace aos demais clientes a partir dos reajustes tarifários de 2016. Até lá, elas precisarão usar recursos próprios para cobrir o "rombo".

"Certamente não é (uma decisão) confortável, mas não temos saída", admitiu o diretor-geral da Aneel, Romeu Rufino, ao aprovar o cumprimento da liminar.

Ele garantiu, no entanto, que a agência seguirá tentando derrubar a decisão judicial para impedir a cobrança extra junto aos demais consumidores.

"Vamos insistir nisso. Entendemos que não está adequado, com todo respeito ao que foi decidido pela Justiça", apontou Rufino.

### **EFEITOS VARIAM POR EMPRESA**

O diretor André Pepitone, relator do processo na Aneel, afirmou que o efeito da decisão sobre os consumidores residenciais será diferente em cada distribuidora, a depender do número de indústrias beneficiadas pela liminar na região atendida por cada concessionária.

"O impacto tarifário para os consumidores, nos casos mais severos, será um incremento de 8% no próximo processo de reajuste", disse.

Os efeitos sobre o caixa das distribuidoras também vão variar, com redução de faturamento de até 5% para algumas concessionárias, ainda de acordo com Pepitone.

Ele não descartou a hipótese de que algumas empresas peçam reequilíbrio econômico-financeiro da concessão depois da medida, por meio de uma solicitação de reajuste tarifário extraordinário. "Casos excepcionais serão passíveis de análise", afirmou.

A Conta de Desenvolvimento Energético (CDE) é um fundo que banca diversos subsídios, como tarifas mais baratas para consumidores de baixa renda e o programa Luz Para Todos, tendo como principal fonte de receita a arrecadação de um encargo de mesmo nome nas tarifas.

Nos últimos anos, no entanto, o custo da CDE cresceu exponencialmente: de 14,1 bilhões de reais em 2013 para 18 bilhões de reais em 2014 e 25,2 bilhões de reais em 2015, o que levou a Abrace a questionar o encargo na Justiça.

A associação tem entre os membros empresas como Alcoa, Ambev, Anglo American, Bayer e Dow.

### **Após caso Volkswagen, França e Reino Unido farão testes em veículos**

25/09/2015 – Fonte: A Folha de S. Paulo



França e Reino Unido farão testes para descobrir se os veículos nesses dois países contêm softwares do tipo usado pela Volkswagen nos Estados Unidos para enganar testes de emissões de poluentes, disseram autoridades nesta quinta-feira (24).

Na terça-feira, a Volkswagen admitiu que a fraude atinge 11 milhões de carros no mundo inteiro. Nesta quinta, o governo alemão afirmou que a fraude também atinge a Europa.

"Testes aleatórios acontecerão para descobrir se os carros não são equipados com software fraudulento", disse a ministra do Meio Ambiente e Energia francesa, Ségolène Royal, à BFM TV, após reunião com representantes das montadoras francesas Renault e PSA Peugeot Citroen.

A ministra disse que os testes envolveriam uma amostra aleatória de cerca de 100 automóveis.

A Grã-Bretanha também anunciou nesta quinta-feira que vai trabalhar com as montadoras para garantir que não haja uso disseminado de softwares que enganam mecanismos de emissão de poluentes, após a Volkswagen ter admitido que enganou os reguladores norte-americanos.

"A Agência de Certificação de Veículos, regulador do Reino Unido, está trabalhando com fabricantes de veículos para garantir que este não seja um problema disseminado na indústria", disse o secretário de Transportes britânico, Patrick McLoughlin, em comunicado.

"Como parte deste trabalho, a agência voltará a executar testes laboratoriais quando necessário, e compará-los com as emissões de poluentes no mundo real."

### **Inda vê aumento de preços de aços planos de 7 a 10% a partir de 01/10**

25/09/2015 – Fonte: Reuters

O Instituto Nacional dos Distribuidores Aço (Inda) espera que as siderúrgicas no Brasil comuniquem aumentos de preços de 7 a 10 por cento a partir de 1º de outubro, disse o presidente-executivo da entidade, Carlos Loureiro.

As condições restritivas do mercado para a importação de aço indicam que a alta de preços poderá ser implementada, afirmou a jornalista nesta quinta-feira.

### **Venda de aço plano por distribuidores no Brasil em agosto cai 29,6%, diz Sindisider**

25/09/2015 – Fonte: Reuters

A venda de aços planos por distribuidores no Brasil em agosto recuou 0,4 por cento sobre julho, a 254,4 mil toneladas, e teve queda de 29,6 por cento sobre o mesmo mês um ano antes, informou nesta quinta-feira a associação que representa o setor, Sindisider/Inda.

Os estoques dos distribuidores fecharam agosto em 982,4 mil toneladas, uma baixa de 3,4 por cento sobre julho e o suficiente para 3,9 meses de vendas.

Para setembro, a expectativa da rede é de queda de 2 por cento nas vendas ante agosto deste ano.

O setor comprou em agosto 219,5 mil toneladas de aço plano, uma alta de 1 por cento sobre julho, mas queda de 37 por cento sobre agosto do ano passado.

Para este mês, a entidade espera crescimento de 1 por cento nas compras de aço pelo setor contra agosto.

### **BMW também fraudou emissões, diz revista alemã; montadora nega**

25/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo



A revista alemã Auto Bild acusou a BMW de exceder os limites de poluição do ar em alguns de seus carros a diesel, manipulando testes de controle. A BMW negou a informação.

"Não há diferença no tratamento de emissões do escapamento se elas estão em um teste ou na estrada", disse a montadora alemã nesta quinta-feira (24).

A denúncia é um desdobramento do escândalo da Volkswagen, que fraudou o sistema de detecções de gases tóxicos nos Estados Unidos.

A revista havia publicado que o modelo da BMW X3 xDrive 20d excedeu os limites de emissões do regime "Euro 6" em mais de 11 vezes em testes de estrada realizados pelo Conselho Internacional De Transporte Limpo (ICCT, na sigla em inglês).

Na sexta-feira da semana passada, o governo americano apontou que a Volkswagen vinha fraudando o sistema de detecção de emissão de poluentes no país. Na terça-feira, a empresa admitiu ter usado o software para burlar a fiscalização em 11 milhões de carros pelo globo. Logo no dia seguinte, o presidente-executivo da empresa, Martin Winterkorn, renunciou.

"Nenhum detalhe específico do teste nos foi providenciado e, assim, não temos como explicar estes resultados", disse a BMW. "Nós entraremos em contato com a ICCT para pedir esclarecimentos do teste que realizaram."

## **Volkswagen divulga lista de veículos com emissões poluentes**

25/09/2015 – Fonte: Exame



A empresa alemã Volkswagen vai publicar nesta sexta-feira (25) uma lista dos veículos afetados pela manipulação de gases poluentes em motores a diesel, informou hoje (24) um porta-voz da empresa citado pela agência EFE.

Até agora, a Volkswagen informou que 11 milhões de veículos com motor EA 189 foram atingidos.

A empresa alemã, à qual pertencem outras marcas como Seat, Audi e Porsche, vai especificar na relação os veículos afetados e onde foram vendidos.

A Seat reconheceu que os motores com problemas de emissões poluentes foram amplamente utilizados pela empresa em vários modelos, mas ainda não tem um dado dos motores EA 189 montados pela fábrica na Espanha.

O ministro dos Transportes alemão, Alexander Dobrindt, afirmou que a manipulação também atinge veículos na Europa.

Dobrindt destacou informação da Volkswagen de que na Europa também há veículos com motores a diesel de 1.6 e 2.0 litros. O número exato de veículos afetados ainda é desconhecido, segundo o ministro alemão.

Entre os modelos que incluem o motor EA 189 estão o Golf, Jetta, Passat ou Beetle, da Volkswagen, e o Audi A3.

Os modelos A1, A4 e A6, da Audi, têm o mesmo motor instalado, disse um porta-voz do fabricante.

A Agência de Proteção do Meio Ambiente dos Estados Unidos acusou, na sexta-feira passada (18), a empresa de adulterar o desempenho dos motores na emissão de gases

poluentes por meio de um software incorporado ao veículo, gerando multa que pode ir a US\$ 18 bilhões.

No domingo (20), a Volkswagen reconheceu ter manipulado os dados. Ontem, o presidente executivo da empresa, Martin Winterkorn, pediu demissão.

### **Ouro fecha no nível mais alto em 5 semanas com busca por 'refúgio seguro'**

25/09/2015 – Fonte: Isto É Dinheiro

O preço do ouro fechou no nível mais alto em cinco semanas, com investidores em busca de "refúgio seguro" em dia de queda dos mercados de ações e de baixa do dólar diante do euro e do iene.

Traders disseram que os investidores passaram a comprar ouro depois da divulgação do indicador de encomendas de bens duráveis nos EUA em agosto (queda de 2,0%). A alta de preço acelerou após a abertura em queda do mercado de ações.

"Com a queda das ações, sem dúvida existe uma fuga para a qualidade neste momento, o que beneficia os títulos do Tesouro e o ouro", comentou Bob Haberkorn, da RJO Futures.

Ele acrescentou que "os traders estão mais preocupados com a economia, eles estão achando que uma elevação das taxas de juro pelo Federal Reserve neste ano parece muito improvável e isso deve dar apoio ao ouro".

Na Comex, divisão de metais da New York Mercantile Exchange (Nymex), os contratos do ouro para dezembro fecharam a US\$ 1.153,80 por onça-troy, em alta de US\$ 22,30 (1,97%). Fonte: Dow Jones Newswires.

### **Exportadoras serão destaque no 3º Trimestre**

25/09/2015 – Fonte: O Estado de S. Paulo

Os resultados corporativos do terceiro trimestre devem restringir ainda mais o já pequeno grupo de companhias listadas na Bovespa que estão conseguindo agradar a seus investidores, em um cenário de recessão, com juros, desemprego, inflação e dólar altos.

Esse time seletivo inclui empresas financeiras, algumas exportadoras e outras companhias que detêm parcela relevante das receitas no exterior. Há também as que conseguirão amenizar o desempenho operacional fraco com maiores ganhos financeiros, dado o elevado nível de caixa em relação às dívidas de curto prazo.

Não por acaso, essas são as empresas recomendadas mais recentemente por analistas como suas preferidas na bolsa brasileira.

"O cenário atual restringe o universo de companhias capazes de ter resultados bons a um número muito pequeno", disse o estrategista do Santander Brasil Leonardo Milane.

No caso dos bancos, o receituário para limitar os efeitos da alta da inadimplência, como o aumento das despesas com provisões e renegociações, tem passado por spreads maiores na concessão de empréstimos novos, mesmo em linhas mais seguras, como consignado e crédito imobiliário. Devem também apurar ganhos maiores com a carteira de títulos, por causa dos juros mais altos.

As aplicações financeiras também devem reforçar os lucros de companhias financeiras não bancárias, casos de Cetip, BB Seguridade e Sul América. A volatilidade nos mercados também deve turbinar as receitas da Cetip e da BM&FBovespa, segundo Milane.



Pelo mesmo motivo, empresas que têm preferido reduzir o endividamento e apostar no aumento da liquidez também devem ser recompensadas. Algumas, como a transportadora Tegma, a empresa de educação Estácio Participações, o laboratório Fleury e Cia Hering, tinham no final do primeiro semestre caixa pelo menos três vezes superior aos vencimentos de curto prazo, segundo a Economática, o que tende a beneficiar seus resultados.

"Além do ganho, é um indicador de saúde financeira importante para épocas como a atual", disse o sócio da consultoria RiskOffice, Alberto Jacobsen.

As receitas com exportação também devem começar a ganhar relevância mas, pelo menos no terceiro trimestre, devem ainda se concentrar nas empresas que têm um ciclo exportador permanente. O grupo inclui as produtoras de celulose Fibria e Suzano; as produtoras de alimentos Brasil Foods e JBS, e de jatos, Embraer.

Para empresas de alguns segmentos, a alta do dólar não deve ser suficiente para compensar a queda do consumo doméstico. É o caso das siderúrgicas, cuja produção de aço bruto recuou 5,6% em agosto na comparação anual, apesar de salto de quase 70% nas exportações, segundo o Instituto Aço Brasil (IABr).

A Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) prevê impacto favorável do dólar mais alto sobre as exportações só a partir de 2016.

Companhias com filiais no exterior, caso da fabricante de motores Weg, e da Valid, de meios de pagamentos, também tendem a se destacar no trimestre, disse Milane, do Santander Brasil. Para os setores mais ligados ao mercado doméstico, o desafio é limitar o tamanho do prejuízo.

## **Tombo de siderúrgicas puxa quarta baixa seguida da bolsa**

25/09/2015 – Fonte: O Estado de S. Paulo

Pelo quarto pregão consecutivo, a Bolsa terminou em baixa, puxada pela queda nos papéis de siderúrgicas nesta quarta-feira. A queda ações foi generalizada no pregão, com destaque para o tombo de mais de 15% de Usiminas e CSN, muito embora o recuo na casa dos 3% nos bancos tenha também tido força para manter o índice o dia todo com perdas consideráveis.

Nesse cenário, o Ibovespa recuou 2%, fechando na mínima, aos 45.340,11 pontos, o menor nível desde os 44.544,85 pontos de 25 de agosto.

Nestes quatro pregões no vermelho, a Bovespa caiu 6,61%. Na máxima desta quarta-feira, marcou 46.480 pontos (+0,47%). No mês, acumula retração de 2,76% e, no ano, de 9,33%. O giro financeiro totalizou R\$ 7,084 bilhões.

Nos ajustes finais do pregão regular, o Ibovespa foi para as mínimas e aí ficou. Profissionais comentaram que notícias relacionadas ao presidente da Câmara, Eduardo Cunha, podem ter disparado ordens de vendas. Isso foi visto também no índice futuro, que ampliou a queda pela mesma justificativa.

Cunha definiu prazos e regras para conduzir um eventual processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. A manifestação é uma resposta à questão de ordem apresentada na semana passada na Câmara por partidos de oposição que querem afastar a petista.

Apesar de não trazer de fato novidades, a notícia envolvendo Cunha pode ter exacerbado o já arisco mercado em meio às dificuldades de ajuste fiscal e governabilidade de Dilma. A

Bovespa, durante o dia, foi o mercado menos "afetado" pela questão da votação dos vetos da presidente nesta terça-feira pelo Congresso.

Os parlamentares mantiveram 26 dos 32 vetos, o que foi visto positivamente de início, mas os que não foram apreciados, na sequência, trouxeram preocupações para os agentes.

Além de ter que reunir novamente votos favoráveis, o governo, caso perca, terá novo rombo nas contas. O rombo atual, por sinal, ainda não foi coberto, já que a grande maioria das medidas precisa de aprovação do Congresso.

Nos EUA, as bolsas norte-americanas terminaram em queda, pressionadas pelo recuo do petróleo e por PMIs fracos, na China e na Alemanha, além de algumas notícias pontuais.

O Dow Jones recuou 0,31%, aos 16.279,89 pontos, o S&P terminou em baixa de 0,20%, aos 1.938,76 pontos, e o Nasdaq fechou com desvalorização de 0,08%, aos 4.752,74 pontos.

O recuo do petróleo afetou as ações da Petrobras que, no entanto, não estiveram entre as maiores baixas do dia. A ação ON recuou 1,20% e a PN, 2,44%. O destaque de baixa foi Usiminas, com -20,31%, e Usiminas, com -15,09%. Ainda nas siderúrgicas, Gerdau PN caiu 4,08% e Metalúrgica Gerdau PN, 4,56%.

No setor financeiro, Bradesco PN caiu 4,14%, Itaú Unibanco PN, 4,33%, BB ON, 3,81%, todos na mínima, e Santander Unit, 5,58%.

### **Carvão cai a US\$50/T pela 1ª vez desde 2003**

25/09/2015 – Fonte: Reuters

Os contratos futuros do carvão estão sendo negociados a 50 dólares por tonelada pela primeira vez desde 2003, conforme a queda dos preços das commodities se intensifica, e o banco de investimentos norte-americano Goldman Sachs diz que o produto nunca mais irá ganhar força suficiente para se levantar.

Os tombos nos preços do carvão e dos metais têm pesado fortemente sobre as ações das mineradoras nesta semana, lideradas pela Glencore, que viu suas ações caírem a uma mínima recorde de 106,35 libras (163,13 dólares) na terça-feira.

As ações da Glencore acumulam baixa de 82,1 por cento desde que a companhia foi listada em 2011 e dois terços abaixo do que no começo do ano.

O índice de referência futuro do carvão alcançou suas máximas históricas em 2008, com o carvão sendo negociado acima dos 200 dólares por tonelada e, como a maioria das commodities, não retornou mais a tais cotações.

No entanto a situação para o carvão tem sido pior que para outros combustíveis, com seu declínio começando já em 2011, enquanto a atual queda do gás natural e petróleo só começou em 2014.

O Goldman Sachs disse que o carvão está em declínio terminal. "A indústria não precisa de um novo investimento dado a habilidade dos ativos existentes em satisfazer a demanda, assim os preços continuarão sob pressão enquanto o ciclo deflacionário continua", disse o Goldman.

## Para Vale, China tem muito aço pela frente para consumir

25/09/2015 – Fonte: Notícias de Mineração

A Vale SA rebateu as alegações de que o consumo de aço na China tenha atingido seu pico, dizendo que a demanda no maior usuário do mundo ainda tem espaço para crescer, uma visão que contrasta com a de um número cada vez maior de bancos internacionais.

“O pico do consumo do aço na China ainda vem pela frente, mas é claro que o crescimento será muito mais gradual”, disse Claudio Alves, diretor global de marketing e venda para ferrosos. A Vale está buscando ampliar sua participação de mercado, disse ele.

As maiores mineradoras estão tentando entender as implicações da desaceleração do crescimento na China da demanda e os preços dos metais de todos os tipos, do ferro ao cobre.

Embora a visão otimista da Vale reflita as perspectivas da Rio Tinto Group e da BHP Billiton Ltd., o Australia New Zealand Banking Group Ltd. antecipou sua estimativa de pico do aço de 2020 para 2014 e o Credit Suisse Group AG projetou que o consumo local encolherá 10 por cento por volta de 2018.

O Citigroup Inc. alertou, na terça-feira, sobre o potencial de novas quedas das commodities causadas pelo excesso de oferta e pela lentidão da economia global.

“Apesar da desaceleração da velocidade de crescimento, a China continua sendo o motor econômico do mundo”, disse Alves, em declarações por escrito enviadas à Bloomberg antes de uma conferência em Qingdao.

Mais projetos de urbanização e de infraestrutura sustentarão a demanda por minério de ferro, aço, cobre e outros metais de base, segundo Alves.

### **Ofertas crescentes**

Os preços do minério de ferro atingiram em julho o nível mais baixo em pelo menos seis anos e as três maiores produtoras do mundo, incluindo a brasileira Vale, elevaram a oferta de baixo custo mesmo em um momento de estagnação do crescimento da demanda da China.

Nesta quarta-feira, um indicador fabril privado da China mostrou uma maior fraqueza e atingiu o nível mais baixo desde 2009. O minério com 62 por cento de conteúdo entregue a Qingdao recuou 21 por cento neste ano, para US\$ 56,21 a tonelada seca, na terça-feira, segundo a Metal Bulletin Ltd.

A produção de aço bruto da China subirá para cerca de 1 bilhão de toneladas até 2030, disse o presidente da divisão de minério de ferro da Rio Tinto na Ásia, Alan Smith, na conferência, reafirmando a perspectiva da empresa.

A demanda global pelo aço, excetuando a China, subirá de 920 milhões de toneladas para cerca de 1,5 bilhão de toneladas por volta de 2030, disse Smith.

A demanda chinesa por aço se estabilizou em cerca de 800 milhões de toneladas, disse Nev Power, CEO da Fortescue Metals Group Ltd., em entrevista.

Qualquer aumento além disso provavelmente será impulsionado por um crescimento nos estímulos, na infraestrutura e no desenvolvimento imobiliário, disse ele.

A terceira maior produtora da Austrália está mantendo as remessas em 165 milhões de toneladas ao ano, reiterou Power na terça-feira.

### **Projeções mais baixas**

O pico do consumo de aço na China ocorreu no ano passado em uma desaceleração imobiliária, disse a ANZ em uma nota na segunda-feira, reduzindo as projeções de preço do minério de ferro para o ano que vem e para 2017.

A demanda poderá encolher de 773,7 milhões de toneladas em 2013 para 695 milhões de toneladas em 2018, disse o Credit Suisse em um relatório, no mesmo dia.

"Nós estimamos um crescimento moderado, mas sustentável, da produção de aço chinesa ao longo da próxima década", disse a BHP, em seu relatório anual, na quarta-feira, citando que o estoque de aço per capita está abaixo do nível nos países desenvolvidos.

"Em linha com nossas expectativas, a economia está crescendo mais lentamente à medida que amadurece".

## **Exportação alivia crise das autopeças**

25/09/2015 – Fonte: Dana: canal da Indústria Automotiva

A depender do perfil da companhia, a escalada do dólar pode ser considerada uma notícia boa ou ruim em empresas da indústria automobilística. Para quem exporta, um dólar forte significa mais competitividade na disputa por mercados internacionais.

Já quem exporta pouco ou nada, mas tem grande dependência de peças importadas para fabricar seus produtos, o significado é um maior custo de produção.

Por conta disso, montadoras e grandes sistemistas de autopeças - que tanto exportam, como importam insumos - estão trabalhando para, de um lado, ter maior gama de produtos à disposição de clientes no exterior e, de outro, ampliar o conteúdo local do que produzem. Nesse último caso, cumprem também uma demanda de nacionalização do Inovar-Auto, como é chamado o regime automotivo.

A Fiat e a Volkswagen, que vêm expandindo a oferta de modelos ao pujante mercado mexicano, bem como a Nissan, que vem desenvolvendo fornecedores para elevar o índice de peças nacionais dos carros produzidos em sua fábrica no sul do Rio de Janeiro, são exemplos dessa estratégia.

Da mesma forma, gigantes do setor de autopeças, como a alemã Bosch, estão atualizando suas linhas com a inclusão de produtos globais, que permitam a elas extrapolar as fronteiras do Brasil. Na outra frente, a também alemã Continental e a americana Eaton relatam ações de "localização" de componentes e consumo crescente de insumos nacionais diante do encarecimento das importações.

Com o tombo nos pedidos das montadoras, os fornecedores de autopeças se voltaram às exportações e ao mercado de reposição na tentativa de melhorar os resultados. Dados coletados até julho pelo Sindipeças, que representa essa indústria, mostram que, ao converter os resultados para reais, as fábricas de peças estão faturando 16% mais com exportações neste ano, enquanto as vendas pelo canal de reposição avançam 5,2%.

Entre os mercados mais importantes, o setor ganha espaço na Holanda, para onde a exportação, medida em dólares, cresce 34,2%, assim como nos vizinhos Peru e Uruguai, que aumentam as compras de peças brasileiras em 2,5% e 5%, respectivamente.

Na soma de todos os destinos, as empresas ainda registram queda de 12% no montante faturado em dólares. Mas a conversão cambial acaba resultando num resultado final positivo em moeda brasileira.

Isso, contudo, não resolve totalmente a vida da indústria de componentes porque as encomendas das montadoras, que consomem 60% da produção de peças, despencaram. Até julho, o setor amargava queda de 12,6% no faturamento, com uma ociosidade que beirava os 40% da capacidade.

Mesmo assim, voltar aos mercados internacionais é um dos poucos caminhos possíveis para aliviar os efeitos da crise doméstica e isso começa a exigir das empresas uma produção mais orientada a demandas do exterior.

Na Bosch, a recessão vem sendo encarada com um novo portfólio de peças fabricadas em processos mais automatizados - menos dependentes, portanto, de mão obra - e que podem ser embarcadas a mercados como o americano e o europeu, além dos tradicionais sulamericanos.

"Sem produtos globais, você não consegue fazer frente à crise", afirma o presidente da empresa na América Latina, Besaluel Botelho. Entre os produtos incorporados no processo de modernização da linha Bosch, ele cita como exemplo uma nova geração de bicos injetores, bobinas de ignição e sensores de oxigênio.

Apesar da necessidade de crescer para fora do Brasil, as companhias, entre pesquisas de mercado, desenvolvimento e validação de seus produtos no exterior, precisam percorrer um longo caminho, em prazos que giram ao redor de dois anos.

Por esse motivo, Antonio Galvão, presidente da divisão de autopeças da fabricante de transmissões Eaton, diz que o primeiro impacto do dólar alto está no aumento das exportações dentro do próprio grupo.

"Estamos complementando a produção de fábricas que fazem produtos similares nos Estados Unidos, no México e na Polônia. No passado, acontecia o contrário. Nós recebíamos muita produção da Ásia", diz o executivo.

## **MDIC assina acordo de cooperação técnica com oito estados brasileiros**

25/09/2015 – Fonte: Exportnews

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) assinou hoje Acordos de Cooperação Técnica com Pernambuco, Alagoas, Espírito Santo, Ceará, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul e Piauí, durante a 18ª Reunião do Conselho Nacional dos Secretários de Desenvolvimento Econômico (Consedic). O principal objetivo é promover o intercâmbio de informações e ações para atração de investimentos produtivos no Brasil.

Os acordos buscam consolidar a parceria entre a Rede Nacional de Informações sobre o Investimento (Renai) e as unidades federativas, por meio de trocas de informações sobre anúncios de projetos e oportunidades de investimentos, intercâmbio de dados econômicos, políticas de estímulo à atividade econômica, participação ou promoção conjunta em eventos relacionados à área de inversões produtivas.

Segundo o secretário de Desenvolvimento da Produção do MDIC, Carlos Gadelha, até o final deste ano o ministério pretende firmar acordos de cooperação com todos os outros estados brasileiros.

"Neste momento, é muito importante fortalecer a parceria entre o MDIC e os órgãos estaduais de desenvolvimento para aumentar as possibilidades de atuação da Renai no fomento à atração de investimentos produtivos no país", disse.

Na reunião também foram discutidos aspectos da política econômica brasileira, com ênfase a questões relacionadas à demografia, ao crescimento e à produtividade. Em relação ao fortalecimento das exportações brasileiras, os diretores da Secretaria de Comércio Exterior Herlon Brandão e Ana Junqueira, apresentaram a evolução do Plano Nacional de Exportações e o Plano Nacional da Cultura Exportadora.

Além de Gadelha, o encontro contou com a participação do secretário-executivo do MDIC, Fernando Furlan, e do secretário de Comércio e Serviços, Marcelo Maia. Também estiveram presentes o secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral do Paraná, Silvio Magalhães Barros II, que presidiu a reunião, além de representantes do Ministério da Fazenda e da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil).

### **Renai**

A Renai é uma iniciativa da Secretaria do Desenvolvimento da Produção (SDP) que tem como objetivo fornecer informações úteis ao processo de tomada de decisão por parte de potenciais investidores estrangeiros.

Além disso, busca apoiar as estruturas federal e estaduais no desenvolvimento de atividades voltadas à promoção de investimentos produtivos e articular medidas de facilitação dos investimentos no país.

## **BC mantém projeção de crescimento de 9% para o crédito total em 2015**

25/09/2015 – Fonte: Exame

O Banco Central manteve praticamente inalteradas suas projeções para expansão do crédito em 2015. Para o crédito total, segundo informou nesta quarta-feira, 23, o chefe do Departamento Econômico da instituição, Tulio Maciel, foi mantida a expectativa de 9%.

A única mudança foi na perspectiva para o crédito nos bancos privados nacionais, cuja previsão passou de 4% para 3%. "Mantivemos em agosto tendência moderada do crédito que já vinha sendo observada e essa moderação está em linha com nossas projeções", explicou.

Maciel relatou ainda que a previsão para o crédito livre foi mantida em 5%; para o direcionado, em 14%; para os bancos públicos, em 13%, e para os bancos privados estrangeiros, em 7% - sem qualquer alteração. Há uma tendência, olhando série de longo prazo, de crescimento menor para o crédito. A base também está maior e isso afeta a taxa de expansão.

"Crescer sobre uma base baixa é mais fácil", ponderou o representante do BC. Ele informou ainda que o crédito direcionado tem desacelerado mais fortemente que o livre e salientou que agosto, assim como julho, é mês mais fraco para liberação de financiamentos.

Para exemplificar a desaceleração, ele lembrou que em 2008 o crédito cresceu 31%; em 2010 avançou 20%; em 2012, 16%; e em 2014, 11%. "A tendência de moderação da expansão de crédito é estrutural e de longo prazo", observou. "O custo dos empréstimos mais alto e a atividade econômica são fatores que afetam o ciclo de crédito", explicou.

Crescimento sustentável

Tulio Maciel destacou ser "natural e salutar" para o próprio sistema que o crescimento do mercado de crédito seja menor, mas sustentável.

Ele lembrou que a relação com o Produto Interno Bruto (PIB) atualmente está em 56% e que essa taxa era de 20% há cerca de 10 ou 20 anos. "Tivemos um avanço importante nesse período em termos de base de crédito. Atingido esse patamar, é natural que tenhamos crescimentos menores", salientou.

Questionado sobre se a projeção do BC de expansão de 9% para o mercado este ano é o novo ritmo do setor para o Brasil, o técnico disse que não se atreveria a dizer qual é o percentual a ser considerado como o mais adequado. "Depende de condições diversas, mas é razoável supor que venha a prevalecer à frente (essa taxa)", afirmou.

Maciel avaliou que o País ainda tem espaço para crescimento do mercado de crédito. "Em alguns países desenvolvidos, essa relação com o PIB é de mais de 100%", disse.

Quando perguntado sobre comparações com países mais parecidos com o Brasil, ele comentou que esse paralelo é preciso ser feito com cuidado por causa das diferenças de mercado de cada local. "Geralmente onde crédito/PIB é mais acentuado, a participação do crédito imobiliário tem destaque", considerou.

No Brasil, essa taxa atualmente está em 9,6% do crédito imobiliário total com taxas livres e reguladas, o que pode ser considerado baixo para os padrões internacionais. Ele disse ainda que há outras modalidades que também possuem espaço para crescimento.

### **Instituições públicas**

De acordo com os dados de agosto do BC, as instituições públicas voltaram a puxar o aumento do estoque de crédito em agosto ante julho. Houve avanço de 1%, para R\$ 1,737 trilhão. No acumulado do ano, a alta está em 7% e, em 12 meses, de 14,3%.

As instituições financeiras estrangeiras apresentaram o segundo maior crescimento na margem em agosto, de 0,5%. O estoque desse grupo está em R\$ 451,420 bilhões. No ano, a alta é de 2,3% e, em 12 meses, de 7,4%.

Já os bancos privados nacionais registraram um incremento de 0,2% do estoque na comparação mensal, para um total de R\$ 943,693 bilhões. No ano, há queda de 1% e, em 12 meses, alta de 2,9%.

A inadimplência ficou estável na margem para as instituições nacionais, públicas ou privadas. No caso das estrangeiras, houve uma leve alta de 0,1%. Houve aumento das provisões apenas no caso das instituições financeiras privadas nacionais, de 7,1% para 7,3%. Nos demais grupos, houve estabilidade na margem.

### **Endividamento das famílias**

O Banco Central ainda não atualizou os dados do endividamento das famílias e divulgou nesta quarta-feira apenas o resultado de junho. Pelos números da instituição, o endividamento total ficou em 45,8% em junho - excluindo o crédito imobiliário, ele caiu para 27,1%

A instituição começou a fazer o levantamento em janeiro de 2005 e o retrato sobre o nível de dívidas brasileiras passou a ser incorporado na nota de crédito pelo BC em agosto. O cálculo do BC leva em conta o total das dívidas dividido pela renda no período de 12 meses e incorpora os dados da Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (PNAD) contínua e da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), ambas do IBGE.

## Atividade industrial menor reforça temor com a China

25/09/2015 – Fonte: Valor Econômico

Um indicador privado da atividade industrial chinesa caiu para o seu nível mais baixo dos últimos seis anos e meio. O recuo expõe os desafios que a economia chinesa enfrenta num momento em que seus velhos motores de crescimento estão negando fogo.

Uma venda em massa mundial dos ativos de maior risco ganhou impulso depois que a medida preliminar do Índice dos Gerentes de Compras, apurada pela Caixin Media e consultoria Markit Economics, caiu para 47 pontos em setembro. O resultado foi inferior às expectativas e ao índice de 47,3 pontos de agosto. Indicadores estão abaixo de 50 pontos desde março, o que indica contração.

A meta de crescimento do premiê chinês Li Keqiang, de cerca de 7% para este ano, está sendo contestada pela queda da atividade industrial e das exportações, enquanto o setor de serviços e o consumo ainda resistem. O presidente Xi Jinping, em visita aos EUA, minimizou o temor de enfraquecimento da economia. Num discurso em Seattle, reiterou que a China manterá crescimento de médio a alto.

O excesso de capacidade "numa série de setores, bem como a fragilidade da demanda, tanto interna quanto externa, continuam sendo os principais desafios enfrentados pelos setores manufatureiros", escreveu em relatório Grace Ng, economista de China do JPMorgan Chase em Hong Kong.

Ela disse que o nível da oferta de produtos acabados, que subiu ao segundo maior patamar da história, "aponta para novos obstáculos à atividade industrial no curto prazo".

O Índice Composto da Bolsa de Xangai fechou com queda de 2,2%, em 3.115,89 pontos, enquanto o Índice Hang Seng, de Hong Kong, recuou 2,3%. O yuan "offshore" sofreu sua maior depreciação das últimas três semanas, tendo registrado queda para 6,4328 em relação ao dólar ontem em Hong Kong.

O baixo resultado da atividade industrial "refletiu principalmente a fraca demanda externa", disse a economista Julia Wang, do HSBC, em Hong Kong. "Pelo fato de a China ter lançado um grande número de medidas pró-crescimento nos últimos meses, a demanda interna chinesa pode ter se estabilizado."

Wang prevê mais respaldo da política econômica e mais um corte, de 150 pontos-base, no depósito compulsório imposto aos maiores bancos. Disse que o índice da Caixin cobre empresas mais expostas às exportações, e que indicadores poderão mostrar nas próximas semanas que a economia chinesa não está tão anêmica.

Os indicadores de produção, novas encomendas e nível de emprego caíram a um ritmo mais acelerado, de acordo com a pesquisa.

"A nova curva descendente do Índice dos Gerentes de Compras da indústria redobra as pressões para que o governo permita que as forças do mercado guiem a desvalorização do yuan no câmbio com o dólar antes do fim do ano", escreveu William Adams, economista da PNC Financial Services.

Refletindo a desaceleração dos antigos motores do crescimento da China, os investimentos em ativos fixos tiveram nos primeiros oito meses do ano seu ritmo de expansão mais lento dos últimos 15 anos, e a produção industrial ficou aquém das estimativas de analistas em agosto.



Desativações temporárias de fábricas em Pequim e nas províncias adjacentes para a parada militar de 3 de setembro, na capital, também podem ter se refletido no setor manufatureiro.

Para a presidente do Fed (o BC dos EUA), Janet Yellen, que se referiu ao receio com as perspectivas da China para explicar sua decisão de não elevar as taxas de juros neste mês, o enfraquecimento dos dados pode reforçar os argumentos em favor da prudência, escreveu o economista Tom Orlik, da Bloomberg, em nota.

"Os dados da Caixin não mudam fundamentalmente o quadro, mas a fragilização dos números entre o dia de hoje e a próxima reunião do Fed, no fim de outubro, obviamente reforçará a posição em favor da cautela."

O indicador oficial chinês de produção industrial caiu em agosto para seu nível mais baixo dos últimos três anos. O índice de serviços teve resultado melhor, num momento em que os novos motores da economia contribuem para sustentar o panorama de crescimento.

Indicadores alternativos, como dados extraídos da ferramenta de busca mais empregada na China, da maior loja on-line do país e de sua principal rede de cartões bancários, sinalizam estabilização da economia chinesa.

Economistas da Nomura Holdings dizem que há risco de redução da estimativa de crescimento do PIB, de 6,9% no terceiro trimestre. "Continuamos a prever uma política monetária de fomento ao crescimento", diz nota. "Mantemos a previsão de que a política fiscal desempenhará papel maior para impulsionar o crescimento."

## **Cresce participação das agroindústrias entre as líderes das exportações**

25/09/2015 – Fonte: Valor Econômico

Mesmo com a receita de seus embarques em queda considerável desde o início deste ano, o agronegócio ampliou sua participação nas exportações totais do país para quase 50% de janeiro a agosto e, diante desse cenário, as principais companhias do setor ganharam ainda mais espaço entre as líderes da balança comercial nacional.

Conforme a Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic), no total as exportações brasileiras somaram US\$ 128,348 bilhões nos oito primeiros meses de 2015, 16,7% menos que em igual intervalo de 2014 (US\$ 154,018 bilhões).

Como, segundo critérios do Ministério da Agricultura, os embarques do agronegócio caíram 11,7% (de US\$ 67,612 bilhões para US\$ 59,713 bilhões), a fatia do setor no total subiu de 43,9% para 46,5%.

Em larga medida, esse encolhimento geral reflete a retração dos preços em dólar de importantes itens da pauta - pressionados, entre outros fatores, pela própria valorização da moeda americana. O agronegócio não escapou da tendência, mas em alguns casos os recuos foram mais modestos e, em outros, o incremento do volume de vendas serviu como compensação.

Em agosto, por exemplo, os dois fatores impulsionaram a soja em grão, que lidera as exportações do agronegócio no Brasil. Não só o valor da tonelada exportada caiu, em média, "apenas" 25,1% em relação ao mesmo mês de 2014 - menos que alumínio (26%), laminados planos (40,9%) e minério de ferro (47%), entre outros produtos -, como o volume vendido aumentou 25,3%.

Nesse contexto, as multinacionais americanas Bunge, Cargill e ADM, grandes tradings de soja e derivados, entre outros produtos agrícolas, lideraram o aumento da participação

das empresas do agronegócio na receita das 40 principais exportadoras do país de janeiro a agosto, mesmo com suas vendas em queda na moeda americana.

Conforme dados da Secex, o trio - além da JBS, líder global em proteínas de origem animal - perdeu apenas para Vale e Petrobras, como de costume, e encabeçou um time de 17 empresas do agronegócio que compuseram a lista das "40 +" nos oito primeiros meses do ano.

No total, essas empresas (em negrito no infográfico) exportaram US\$ 26,738 bilhões no intervalo. Mesmo que esse valor tenha sido 14,9% inferior ao registrado de janeiro a agosto de 2014 (US\$ 31,409 bilhões), a fatia conjunta no grupo das 40 maiores exportadoras do país passou de 41,7% para 43,6% na comparação.

Não há, contudo, motivos para comemorações, uma vez que essa escalada só foi possível porque outros setores exportadores enfrentaram problemas maiores. Sempre de acordo com os dados da Secex, 14 das 17 maiores exportadoras do agronegócio amargaram retrações nas receitas de seus embarques.

O maior tombo foi o da Louis Dreyfus Commodities (40,5%, para US\$ 1,638 bilhões), mas quedas de dois dígitos não foram exceção. No caso da líder Bunge, a redução foi de 26,3%, para US\$ 3,653 bilhões; no da BRF, maior exportadora brasileira de carne de frango, chegou a 23,2%, para US\$ 2,118 bilhões; e no da cooperativa controlada pelos mesmos sócios da Copersucar atingiu 19,9%, para US\$ 683 milhões.

Na contramão, apenas três companhias: a Suzano, exportadora de papel e celulose (alta de 21,3%, para US\$ 1,233 bilhão), a Cooxupé, líder em café (68,3%, para US\$ 590 milhões), e a Citrosuco, de suco de laranja (20,7%, para US\$ 567 milhões).

## As 40 +

As maiores empresas exportadoras do Brasil (jan a ago) - US\$ milhões

Empresa	2014	2015	Empresa	2014	2015
Vale	14.317,5	7.532,3	CSN	1.081,4	950,0
Petrobras	9.224,7	6.350,4	Fibria	988,2	932,2
Bunge	4.958,3	3.652,7	Noble	1.050,1	915,7
Cargill	3.615,9	3.360,7	Volkswagen	737,9	909,9
ADM	2.759,6	2.581,4	Thyssenkrupp	1.346,9	906,9
JBS	3.079,3	2.477,3	BTG Pactual Commo.	457,0	904,3
Embraer	2.121,8	2.352,3	Coamo	747,5	820,1
BRF	2.758,6	2.117,8	Copersucar	985,8	789,4
Brasken	1.969,2	1.830,8	Caterpillar	1.059,8	741,4
Samarco	2.067,2	1.660,9	Ford	804,1	737,1
LDC	2.751,7	1.638,0	Raizen Energia	836,7	709,5
BG E&P	1.327,1	1.430,1	Estaleiro Brasfels	866,3	690,6
Amaggi	1.468,3	1.310,5	Minerva	845,4	682,8
Nidera	1.502,3	1.243,1	Fiat Chrysler	758,7	670,6
Suzano	1.016,8	1.233,0	Salobo	422,4	645,0
Arcelor Mittal	769,0	1.217,0	Toyota	598,3	628,7
GE Celma	1.014,6	1.204,6	Cooxupé	350,8	590,2
Seara	1.222,9	1.117,2	Parapananema	377,7	581,0
CBMM	1.111,9	1.047,8	Bianchini	655,1	569,5
Alunorte	888,9	971,3	Citrosuco	470,1	567,5

Fonte: Secex/Mdic

## Crise econômica atinge empresas importadoras de bens de capital

25/09/2015 – Fonte: Comex Brasil

Dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) apontam que as importações totais no Brasil somaram US\$ 12,8 bilhões no mês de agosto, o que representa uma baixa de 33,7% em comparação com o mesmo mês em 2014. A crescente desvalorização cambial e a fraca atividade doméstica colaboraram para uma expressiva queda de 21,3% nas importações totais no acumulado do ano até agosto, que somaram US\$ 121,1 bilhões.

Principalmente por conta da redução das compras externas de máquinas e equipamentos de uso industrial e geral e de material e equipamentos elétricos, a queda na importação de bens de capital foi de 17,8% até agosto de 2015.

Para o diretor da filial brasileira da Junker (indústria alemã líder mundial no mercado de fabricação de retíficas de alta velocidade com rebolo CBN), Dirk Huber, a atual crise política, além dos constantes escândalos de corrupção, são os responsáveis por este cenário.

Seguindo a mesma linha, o diretor geral da japonesa Makino do Brasil (líder mundial em centros de usinagem CNC de alta tecnologia), Carlos Eduardo Ibrahim, afirma que a maior parte desta retração se dá devido a uma crise de confiabilidade dos empresários brasileiros na política econômica de nosso governo.

“A falta de uma política clara de investimentos e liberação de linhas de crédito, por exemplo, fazem com que os empresários posterguem ao máximo seus investimentos”, esclarece.

João Carlos Visetti, diretor-presidente da Trumpf do Brasil (grupo com sede na Alemanha, líder mundial na fabricação de máquinas-ferramenta para processamento de corte, dobra, punçionamento e gravação de metais flexíveis com o uso da tecnologia laser), diz que, semelhante à indústria nacional, os importados vêm sofrendo com a falta de demanda.

“Do lado positivo, temos a liderança tecnológica e maior produtividade do que equipamentos fabricados por outras empresas; por outro lado, a incerteza e os juros altos fazem com que alguns clientes foquem no preço e não na relação custo-benefício, o Total cost of owner ship”, esclarece. Cerca de 95% dos produtos que a trazemos para o Brasil não têm similar nacional. Arrisco a dizer que 100%”, diz Visetti.

Além de citar os mesmos problemas, o diretor técnico do Grupo Bener (importadora de máquinas-ferramenta), Ricardo Lerner, comenta que a desindustrialização acentuada que o Brasil vem sofrendo nos últimos anos é fator fundamental que colabora com a baixa nas importações de máquinas, já que as empresas estão deixando de comprar.

### **Os números da queda**

A subsidiária brasileira da Trumpf, que tem como clientes principais grandes montadoras de carro, entre elas Volkswagen, Ford e Fiat, fechou o ano fiscal em 30 de junho com uma queda de 30% em sua receita, sem perspectiva de melhora.

Toda essa retração está afetando diretamente as indústrias. Na Junker do Brasil houve uma redução de, aproximadamente, 35% nas importações no primeiro semestre de 2015 se comparado com o mesmo período do ano passado, segundo o diretor, Dirk Huber.

“Somos uma importadora de máquinas e equipamentos e, claro, estamos sofrendo com a queda”, concorda o diretor do Grupo Bener, que teve uma queda de 45% nas importações no primeiro semestre de 2015 ante igual período de 2014. Para Lerner, o grande problema desta crise econômica “é que ela não oferece a menor perspectiva de melhora”.

Na Makino do Brasil houve uma queda brusca na venda de máquinas high tech de valores mais altos, assim como também aponta dados da Receita Federal do setor. As máquinas que ainda estão sendo importadas são de baixo valor agregado, ou seja, de média para baixa tecnologia.

Dados da Receita Federal mostram que o volume de vendas do segmento diminuiu muito neste primeiro semestre de 2015 (de 30% a 40%) e o resultado destas vendas baixas será mostrado nas importações do segundo semestre de 2015, que ainda não está

disponível. Vale salientar que a maioria das máquinas que entraram neste primeiro semestre no Brasil foram adquiridas no segundo semestre de 2014.

### **Desemprego em alta**

O Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (Depecon) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) divulgou uma pesquisa revelando que a indústria paulista deverá demitir cerca de 250 mil funcionários até o final de 2015, já levando em conta as 25 mil demissões em agosto. Só o setor de máquinas e equipamentos fechou 4.865 postos de trabalho entre julho e agosto.

Segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), as montadoras, que sofrem com a falta de vendas e pátios lotados, já cortaram mais de 11 mil empregos até agosto e mantêm 27 mil funcionários em férias coletivas ou em lay off.

Como os principais compradores das empresas citadas são montadoras, o setor de máquinas e ferramentas sofre com a queda nas vendas de máquinas, sendo também obrigadas a demitir.

Ricardo Lerner, da Bener, que vende para todas as empresas da área automobilística e também para sua cadeia de fornecedores, explica que já sentia a chegada da crise desde meados de 2013. "De lá para cá tivemos uma redução de mais de 50% de nosso pessoal".

Demitir ajuda a diminuir gastos, mas, para Dirk Huber, da Junker do Brasil, não é uma boa solução, pois pode perder colaboradores altamente qualificados, cujo treinamento foi dispendioso para a empresa. As vendas para o setor automotivo representam 80% dos negócios da Junker.

Carlos Eduardo Ibrahim, da Makino do Brasil, que fornece centro de usinagens horizontais para indústria de autopeças e estas empresas distribuem seus produtos diretamente às montadoras, esclarece que o setor automobilístico representava cerca de 60% a 70% das vendas de máquinas e equipamentos no Brasil. Hoje este número está em cerca de 30%.

Segundo o executivo da Makino, quando se fala de importadores que são filiais de grandes empresas internacionais, entre elas americana, alemã, japonesa etc., este índice é aceitável, mas quando se trata de importadores independentes, ou seja, empresas nacionais que representam empresas internacionais, muitas delas estão em sérias dificuldades financeiras.

### **Driblando problemas**

As empresas estão procurando opções alternativas para driblar as dificuldades. A Junker tenta aquecer as vendas na procura de novas aplicações e mercados. Já a Makino do Brasil segue segurando investimentos desnecessários, reduzindo custos e focando em negócios de curto prazo.

A Bener investe em uma ampla gama de produtos que possibilite acessar o maior número de segmentos, ao mesmo tempo em que mantém austeridade com gastos e custos da empresa.

Para Visetti, da Trumpf, os impostos no Brasil tornam a situação ainda mais grave. O executivo esclarece que esse é o ponto mais complicado, pois variam de Estado para Estado e também entre segmentos industriais (ICMS), demandando tempo e recursos da empresa. "Fora isso, todo o processo de importação é burocrático.

O tempo de liberação de uma peça ou máquina é completamente imprevisível". De acordo com ele, esses fatores dificultam o acesso da indústria nacional à tecnologia de ponta, que precisa melhorar em muito sua produtividade e competitividade.

Apesar da crise, os empresários permanecem esperançosos, mas não enxergam grandes mudanças para 2016. "O grande problema dessa crise econômica é que ela não nos dá perspectivas de melhora", afirma Lerner, da Bener.

"Para que essa situação melhore, deveria haver ações governamentais para que o povo e o empresariado brasileiro possam ter novamente confiança no governo no tocante à estabilidade financeira e política", avalia Dirk Huber, diretor da Junker do Brasil.

## **Contratos por leasing dão dor de cabeça a consumidores**

25/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



Recentemente, uma decisão do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro causou alvoroço entre consumidores brasileiros ao acatar recurso interposto por instituições financeiras e determinar que o consumidor deve restituir ao banco o valor gasto (com correção monetária) para a aquisição do veículo alugado por leasing.

Apesar de todos os outros valores (referentes à opção de compra e à depreciação do veículo, entre outros) ficarem excluídos da conta, a decisão não é tão benéfica ao consumidor como a primeira sentença sobre o tema, de 2013, que isentava o pagamento das parcelas vincendas do contrato integralmente em caso de furto ou roubo do veículo alugado.

A decisão aumenta a polêmica em torno do leasing e reacende dúvidas sobre esse tipo de contrato. Especialistas em direito do consumidor e órgãos de defesa do consumidor consideram a decisão apenas mais uma de uma série de desvantagens que podem transformar o leasing numa grande dor de cabeça para o consumidor.

Para a advogada Andressa Jarletti, presidente da comissão de direito do consumidor da Ordem dos Advogados do Brasil do Paraná (OAB-PR), o maior problema do leasing é a desinformação e o reduzido poder de negociação do consumidor, que se vê obrigado a aderir ao contrato elaborado pelo banco, que inclui altas taxas e não garante a aquisição de bem ao fim do contrato.

### ***Cliente atrasou parcelas de propósito para conseguir negociar***

Roger Pereira, 32 anos, é um desses consumidores que teve bastante dor de cabeça por causa do leasing. Em 2010 ele assinou um contrato de cinco anos com opção de compra. Com dois anos de contrato vigente, ele reuniu quantia suficiente para quitar todo o débito de uma só vez e concluir a compra do carro. No entanto, o banco não ofereceu nenhuma vantagem pela antecipação e dificultou a devolução e rompimento do contrato.

"Sem negociação, decidi devolver o carro e comprar um novo, pois a soma das parcelas restantes do leasing, por causa das taxas, era o suficiente para comprar um carro zero à vista. Mas o banco recusou." Foram meses de incomodação até que o banco propusesse uma alternativa.

No fim das contas, Pereira não conseguiu devolver o veículo, mas conseguiu usá-lo como entrada na aquisição de um novo carro, o que amenizou os prejuízos. "A lição é nunca mais fazer leasing. É um contrato de compra disfarçado de aluguel."

## **Não é financiamento**

“O leasing é vendido como um tipo de financiamento, mas é totalmente diferente em relação ao enquadramento jurídico e aos direitos do consumidor. Enquanto em um financiamento o banco concede um empréstimo e, por isso, cobra juros. Já no leasing, o banco não faz um empréstimo – o que ele transfere é a posse de um bem, no caso, de um carro. Por isso, em tese, não deveria ter juros”, explica.

Entretanto, o cálculo das parcelas fixas do leasing inclui taxas que fazem as vezes de juros. A parcela mensal tem dois componentes principais, a contraprestação, que é a soma do valor pago pela posse (o equivalente ao aluguel), do valor referente à depreciação do bem e do lucro do banco; e o Valor Residual Garantido (VRG), valor inicialmente atribuído à opção de compra.

E aqui temos mais um aspecto desfavorável do leasing. Originalmente, o VRG significava que o consumidor estava exercendo a opção de compra do veículo, ou seja, ao fim do contrato, se optasse por adquirir o veículo, pagava o VRG e concluía a compra. Hoje, no entanto, a prática é outra e o VRG é antecipado de forma obrigatória. Isso significa que, mesmo não havendo obrigação de comprar o bem, o consumidor já está pagando o valor de compra desde o início do contrato.

A Fundação Procon São Paulo alerta que a promessa de compra futura dificulta a opção de devolução do veículo ao final ou mesmo no meio do contrato. Se o consumidor não quiser mais o veículo e nem tem a intenção de comprá-lo no futuro, tem três opções: renegociar o saldo devedor; devolver o bem e negociar o abatimento do VRG (ou seja, entregar o carro em troca da quitação do débito, mas não receber restituição do que já foi quitado); ou acionar a justiça para solicitar a devolução do VRG já pago e o cancelamento das parcelas futuras.

## **Dicas**

### ***Vantagens***

A primeira delas é o acesso imediato ao veículo. Além disso, a prestação é mais baixa do que a de financiamentos, porque o consumidor não tem de pagar o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF). As parcelas podem ficar ainda menores se o contrato não diluir o VRG nas parcelas – no entanto, especialistas alertam que essa opção dificilmente é dada ao consumidor pelas instituições financeiras.

### ***Desvantagens***

Além de não poder vender o carro até o pagamento de todas as parcelas (afinal, o carro não pertence ao consumidor, e sim ao banco, que transfere apenas a posse ao arrendatário), ainda há o risco inerente ao atraso de parcelas.

Em tese, se o consumidor atrasar três parcelas, o veículo é apreendido por meio de uma ação judicial de reintegração de posse. Para recuperá-lo, o consumidor tem de quitar não só todas as parcelas em atraso, mas também as que estão por vencer.

### ***Outras opções***

Se você pensa em adquirir um veículo, vale a pena pensar sobre outras possibilidades além do leasing. No consórcio, o preço final do automóvel pode ser reduzido (e vale lembrar que no leasing as taxas praticadas pelos bancos podem encarecer o bem a tal ponto que, no fim do contrato, o consumidor já desembolsou muito mais do que o veículo vale no mercado), em compensação, o acesso não é imediato, mas depende de sorteio ou lance alto.

Outra opção é o Crédito Direto ao Consumidor, cujo custo pode ser maior do que o do leasing devido à cobrança do IOF. Porém, o veículo é transferido para o nome do comprador desde o início e o empréstimo pode ser quitado antecipadamente com redução de juros e encargos.

## Emprego recua sete anos em oito meses, mostra IBGE

25/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A fila do desemprego continua a crescer nas seis principais regiões metropolitanas do país. Mais de 1,85 milhão de pessoas estão atrás de uma vaga, o maior número desde agosto de 2009, quando o Brasil se reerguia da crise global.

Com isso, a taxa de desocupação chegou a 7,6% no mês passado, a mais elevada para o período também desde 2009, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego, do IBGE.

O resultado significou mais um degrau na escalada do desemprego, cuja taxa começou o ano em 5,3%. “É como se tivéssemos andado sete anos para trás em apenas oito meses. É chocante, é muito rápido”, disse João Saboia, professor do Instituto de Economia da UFRJ.

Em agosto, a combinação perversa de demissões e maior busca por vagas se repetiu. O contingente de trabalhadores encolheu 1,8% em comparação a igual mês de 2014, a nona queda seguida – uma sequência inédita na história da pesquisa, que investiga as regiões de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife.

Foram 415 mil dispensados, enquanto 221 mil pessoas iniciaram a busca por trabalho, sem sucesso.

Com isso, 636 mil pessoas engrossaram as filas de desemprego em apenas um ano. “Estamos passando longe de um momento favorável do mercado de trabalho. Há uma mudança de rumo”, disse Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

### Perfil

Mas a maior preocupação é que o desemprego está crescendo com mais força entre os adultos entre 25 e 49 anos, que costumam ser os chefes de família. “Isso tem o efeito de arrastar mais pessoas para o mercado de trabalho.

Um adulto que tenha um filho jovem, se demitido, ele pode arrastar esse filho para o mercado”, disse Azeredo.

A transformação pela qual passa o mercado de trabalho tampouco é virtuosa. Há meses as demissões estão concentradas em postos com carteira assinada. Só em agosto, foram 445 mil cortes na comparação com o mesmo mês do ano passado.

### DESOCUPAÇÃO

A taxa de desemprego medida pela Pesquisa Mensal de Emprego em seis regiões metropolitanas<sup>1</sup> subiu 2,6 pontos percentuais em agosto, em comparação com o mesmo mês do ano passado.

Taxa de desemprego em %



### SALÁRIO

O rendimento real (que já desconta a inflação) dos trabalhadores teve uma queda de 3,5% em agosto deste ano frente ao mesmo mês do ano passado, a sétima seguida.

Rendimento médio em R\$ milhares



<sup>1</sup> Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Fonte: IBGE. Infografia: Gazeta do Povo.

## **Governo eleva a taxa de financiamento do BNDES para 7% ao ano**

25/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

O governo decidiu elevar nesta quinta-feira (24) a taxa de juros que serve de referência para os empréstimos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou o quarto aumento seguido da Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), que passa de 6,5% para 7% ao ano. Esse é o maior nível desde setembro de 2006.

A nova taxa valerá para o período de outubro a dezembro. A TJLP é fixada no final de cada trimestre pelo CMN, que decide o percentual que valerá nos três meses seguintes.

O aumento dessa taxa é parte do ajuste fiscal do governo federal, que pretende reduzir os gastos do Tesouro Nacional com subsídios de financiamentos feitos por meio do BNDES.

## **CMN aprova transferência de aposentadoria para planos de previdência livre de IR e IOF**

25/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou a possibilidade de transferência de recursos dos Fundos de Aposentadoria Programada Individual (FAPI) para outros planos de previdência sem o trânsito desse montante em conta corrente. Com isso, a operação fica livre de Imposto de Renda (IR), Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) e, caso seja aprovada, do pagamento da CPMF também.

“A partir do momento em que não passa por conta corrente, fica livre” afirmou a chefe do departamento de regulação do sistema financeiro, Sílvia Marques.

Para valer na prática, no entanto, ainda é necessária uma decisão conjunta emitida pelo Banco Central e pela Superintendência de Seguros Privados (Susep). Hoje, o FAPI tem um volume de aplicações da ordem de R\$ 600 milhões.

Um outro voto do CMN prevê ainda a extensão, até o fim de 2016, do prazo para captação de recursos por instituições financeiras com base no Depósito a Prazo com Garantia Especial do FGC (DPGE 1). O prazo terminaria em dezembro de 2015.

Durante o período estendido, no entanto, o CMN determinou que as instituições financeiras terão que respeitar o limite de 50% dos valores que foram contratadas até o fim de agosto desse ano e vencerão entre setembro de 2015 e dezembro de 2016. Os depósitos emitidos com base nessa resolução poderão ter prazo de até 24 meses.

O Banco Central nega que a medida tenha sido tomada por problemas de liquidez dos bancos e diz que a medida é fruto da conjuntura atual.

“Muitas instituições estão segurando seus recursos e por conta disso não estão fazendo novas operações de crédito. Isso é uma forma de fazer com que instituições tenham condições de captar novos recursos para fazer novas operações de crédito” afirmou o José Reynaldo de Almeida, chefe de gabinete da diretoria de organização do sistema financeiro e controle de operações de crédito rural.



## Decisão judicial deixará a luz 8% mais cara até 2016, diz a Aneel

25/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

Em cumprimento a uma decisão judicial, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) livrou os associados da Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres (Abrace) dos pagamentos de parte dos programas bancados pelo fundo setorial Conta de Desenvolvimento Energético (CDE). Sem esse dinheiro, as despesas terão que ser pagas pelos consumidores residenciais.

Com o novo rateio, a Aneel estima que as contas de luz terão que subir até 8% no próximo reajuste tarifário, que, dependendo da empresa, pode ser ainda neste ano ou apenas em 2016.

A Light, por exemplo, passará por reajuste em novembro, mas a Eletropaulo apenas em julho do ano que vem. O maior impacto deve ser sobre a EDP Bandeirante, a EDP Escelsa e a Cemig.

De acordo com cálculos da Aneel, as distribuidoras terão suas receitas afetadas em até 5%. As empresas terão que pagar o encargo com caixa próprio até a data do próximo reajuste.

O diretor-geral da agência, Romeu Rufino, disse que as companhias que tiverem desequilíbrio econômico-financeiro poderão apresentar pedidos de reajuste extraordinário. Relator do processo, o diretor André Pepitone disse que o órgão regulador ainda tenta derrubar a decisão favorável à Abrace no Tribunal Regional Federal da Primeira Região (TRF-1) e no Superior Tribunal de Justiça (STJ).

### **Entenda o caso**

A Abrace conta com grandes indústrias, como Alcoa, Ambev, Braskem e Gerdau, entre seus associados, todos grandes consumidores de energia. A associação entrou na Justiça e conseguiu livrar seus associados de recolherem o encargo, sob a tese de que essas despesas deveriam ser pagas apenas pelos consumidores do mercado cativo.

Entre elas estão valores usados para cobrir indenizações às geradoras e transmissoras que aderiram ao pacote de renovação antecipada das concessões em 2012, além dos subsídios para a geração de eletricidade da região Norte. Ao todo, os gastos questionados pela Abrace atingem R\$ 6,9 bilhões.

Segundo a Aneel, o impacto da decisão judicial nas contas de luz é de R\$ 1,623 bilhão por ano, parte que era efetivamente bancada pelos associados da Abrace. Como a decisão da Abrace é de 3 de julho, o efeito, neste ano, será de R\$ 800 milhões, dos quais R\$ 350 milhões terão de ser pagos pelas transmissoras e R\$ 450 milhões pelas distribuidoras.

Rufino disse que não cabe à Aneel fazer as políticas públicas, mas sim cumpri-las e ratear o recolhimento dos encargos necessários para pagá-las. “Se alguém deixou de pagar, certamente não conseguiremos reduzir valor não coberto pelo fundo, outros terão de pagar. Temos de preservar o valor do fundo”, afirmou o diretor-geral.

Rufino explicou ainda que nem todas as distribuidoras serão prejudicadas. “Tem realmente uma certa concentração em algumas distribuidoras, mas em boa parte delas é muito pequeno, quase inexistente. À medida que essa situação for impactante para a distribuidora, ela tem legitimamente o direito de pedir o reajuste extraordinário.”

## Levy diz que Brasil tem ferramentas de proteção para garantir bom funcionamento da economia

25/09/2015 – Fonte: Época Negócios



O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, destacou na noite de quinta-feira que o Brasil tem as ferramentas de proteção necessárias para garantir o bom funcionamento dos mercados e da economia num momento de turbulência.

Questionado sobre o uso das reservas em um momento de disparada do dólar ante o real, Levy disse que essa é uma possibilidade, mas que cabe ao Banco Central decidir.

"Temos 370 bilhões (de dólares) de reservas, isso é um valor muito significativo. Então o Brasil está protegido. E também porque na área do Tesouro acumulamos a partir de março recursos adicionais que nos permitem nesse momento dar fôlego aos investidores", disse ele a jornalistas em evento da revista Isto É Dinheiro, em São Paulo.

Na quinta-feira, o presidente do BC, Alexandre Tombini, disse que a autoridade monetária irá assegurar que o mercado de câmbio funcione de forma eficaz, e não descartou usar diretamente as reservas internacionais para segurar a escalada do dólar sobre o real.

Sobre o programa de swaps cambiais, o ministro da Fazenda afirmou que esse mecanismo serve como seguro, ou proteção, para as empresas, que segundo ele têm comprado uma parte significativa dos swaps e por isso têm conseguido enfrentar a alta do dólar.

"O swap não é feito para interferir, mas ao mesmo tempo permite que as reservas que o Brasil tem sejam usadas de forma eficiente para proteger o setor produtivo", disse Levy.

Com o dólar rompendo a barreira dos 4 reais, o BC intensificou suas intervenções no câmbio nesta semana com leilões de venda de dólares com compromisso de recompra e leilão de novos swaps cambiais. Na quinta-feira, o dólar chegou a 4,2491 reais na máxima da sessão, mas fechou cotado a 3,9914 reais após as declarações de Tombini.

### **Sem ambiguidade fiscal**

Levy ainda defendeu o corte de gastos e o combate à inflação para que o país possa voltar a crescer, e avaliou que apesar das dificuldades, a economia brasileira está se recuperando.

"O Brasil não pode ter ambiguidade fiscal, assim como o Brasil tem que continuar firme no trabalho de redução da inflação...temos que ter isso permanentemente em mente", disse o ministro em discurso no evento.

"Onde há ambiguidade, as coisas começam a ficar à deriva e nós não queremos isso." Levy voltou a afirmar que os cortes de gastos são fundamentais, mas que não podem ser indiscriminados, ao defender uma avaliação da qualidade do gasto público.

Em meio a críticas de que o governo estaria promovendo o ajuste fiscal apenas pelo lado da receita, Levy disse que neste ano a economia que está sendo feita é de 80 bilhões de reais em relação aos gastos autorizados pelo Orçamento votado em abril pelo Congresso.

"São 80 bilhões de economia que o governo está fazendo este ano", disse. Levy destacou que até os "episódios do começo deste mês" a inflação vinha convergindo para a meta, o que, segundo ele, é um reflexo do trabalho feito no começo do ano.

"Pela primeira vez em muitos anos as expectativas de inflação estavam convergindo para 4,5 por cento. Isso é muito importante para qualquer pessoa que faz plano de negócios", declarou.

### **Caterpillar reduz previsão de receita anual e pode cortar até 10 mil empregos**

25/09/2015 – Fonte: Época Negócios



A maior fabricante de equipamentos para construção e mineração do mundo, a Caterpillar, reduziu nesta quinta-feira em US\$ 1 bilhão sua expectativa de receita para este ano e anunciou que poderá cortar até 10 mil empregos até 2018 diante da crise nas indústrias de energia e mineração.

A Caterpillar afirmou que espera agora que o faturamento caia pelo terceiro ano seguido em 2015, para 48 bilhões de dólares. Para 2016, a expectativa é de baixa de 5 por cento.

A companhia anunciou que vai cortar de 4 mil a 5 mil empregos até o final de 2016, mas a maioria deles em 2015. A empresa já tinha reduzido sua força de trabalho em mais de 31 mil postos desde meados de 2012.

A Caterpillar tinha 114.233 funcionários no final do ano passado, segundo dados da Thomson Reuters.

A empresa espera economizar até 1,5 bilhão de dólares por ano com a reestruturação e incorer em custos antes de impostos de cerca de 2 bilhões de dólares.

A reestruturação vai afetar mais de 20 unidades produtivas da empresa no mundo nas três grandes divisões do grupo: construção, matérias-primas e energia e transporte, informou a Caterpillar.

### **Ex-CEO da Volkswagen pode receber R\$ 285 milhões após demissão por causa de escândalo**

25/09/2015 – Fonte: Época Negócios

O ex-CEO da Volkswagen, Martin Winterkorn, anunciou sua demissão na última quarta-feira (23/09) após um escândalo de fraude nos resultados de emissão de testes antipoluição nos Estados Unidos, que teria afetado até 11 milhões de veículos da marca.

Com a saída da companhia, a quantia que ele pode receber, agora, é de aproximadamente US\$ 69 milhões (R\$ 285 milhões).

O montante a ser pago a Winterkorn irá depender de como os diretores da companhia entenderão sua saída do cargo, segundo a Bloomberg. O ex-CEO pode receber, além de uma quantia garantida ao final de 2014, os seus direitos rescisórios por interrupção de contrato, o que só existirá se sua demissão não for considerada por justa causa.

O valor da rescisão se baseia em pagamentos referentes a dois anos de contrato. No último ano, o segundo CEO mais bem pago da Alemanha acumulou 16,6 milhões de euros (R\$ 76 milhões).

A quantia adquirida ao final do último ano, descrita no último relatório da empresa, é de aproximadamente US\$ 32 milhões (R\$ 130 milhões) — e não tem cláusulas claras sobre uma possível retenção por parte da companhia.

O escândalo que culminou na demissão de Winterkorn teve início na última sexta-feira, com a divulgação de uma nota por parte de uma agência nos Estados Unidos que culpava a Volkswagen de usar um software para fraudar testes de emissões em veículos a diesel.

Em nota divulgada no dia do anúncio da demissão de Winterkorn, o Comitê Executivo da Volkswagen alegou acreditar na inocência de seu ex-CEO. "O Comitê Executivo esclarece que o Prof. Dr. Winterkorn não tinha conhecimento da manipulação dos dados de emissão.

O Comitê Executivo tem grande respeito por sua disposição em assumir a responsabilidade e, assim fazendo, passar uma grande mensagem interna e externamente. Dr. Winterkorn prestou valiosa contribuição à Volkswagen."

Caso as informações presentes na nota emitida pelo Comitê Executivo se mantenham defendidas pela empresa, Winterkorn não deve ter problemas em receber a quantia relativa à sua rescisão de contrato.

## **Tombini diz que Brasil passa por 3 ajustes importantes: externo, fiscal e monetário**

25/09/2015 – Fonte: Época Negócios



O presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, enfatizou nesta quinta-feira (24/09) a boa reação do setor externo à nova realidade econômica do país. De acordo com ele, o Brasil passa hoje por três ajustes importantes no campo da economia e finanças: o do setor externo, o monetário e o fiscal.

"Na área externa, o ajuste vem se processando à velocidade superior a que todos esperavam inicialmente. Se eu pudesse resumir essa parte de três ajustes, temos este ano de 2015 uma previsão para o déficit em conta corrente US\$ 40 milhões inferior ao de 2014, o que é bom", afirmou, durante apresentação do Relatório Trimestral de Inflação. O

BC revisou de US\$ 81 bilhões para US\$ 65 bilhões sua estimativa para o rombo externo de 2015.

Segundo o presidente, esse movimento é resultado de uma economia que está em contração, mas também do ajuste de preços relativos que tem ocorrido no Brasil, o que reduz a necessidade de financiamento do país em 2015. "Esta nova projeção para o conta corrente representa cerca de 3,7% do PIB, o que não deixa de ser uma boa notícia, pois requer menos recursos vindos de fora", comentou.

Outro lado de impacto do setor externo é o processo de substituição de importações e isso se reflete na contribuição das exportações líquidas no PIB deste ano. "Pela primeira vez desde 2005, é a primeira vez que acontece", voltou a enfatizar. "Esse ajuste externo é muito importante que se processe nesse período", continuou.

### **Aperto e reancoragem**

Tombini afirmou que o BC apertou as condições monetárias ao longo dos últimos dois anos e meio. Segundo ele, o Brasil tem um processo que vem de algum tempo de reancoragem das expectativas de inflação no longo prazo e também no médio prazo.

"Parte desse ajuste é o realinhamento dos preços administrados, que crescem mais de 15% este ano. Isso, junto com valorização do dólar nos últimos 12 meses, tem pressionado a inflação no curto prazo e vimos a expectativa para 2015 subindo a despeito da estabilidade para 2016", disse.

Segundo ele, os agentes de mercado esperam uma desinflação da economia brasileira, algo entre 3,5 e 4 pontos percentuais em IPCA entre 2015 e 2016. "Esse processo tem evoluído, temos tido resultados importantes de circunscrever o máximo possível os feitos de curto prazo para horizontes de mais longo prazo", afirmou.

### **Ajuste fiscal**

O presidente do Banco Central destacou que o ajuste fiscal vem ocorrendo, uma parte via preços administrados, que requerem menos aportes para segmentos específicos. Ele afirmou ainda que o governo tem tido esforços no sentido de contenção de despesas e de busca de novas receitas.

"Não vou me alongar nessa parte do ajuste, mas posso dizer que as expectativas dos três ajustes indicam que eles têm se processado em velocidade inferior do que se inicialmente estimava", afirmou.

Tombini disse ainda que esse processo tem tido repercussões sobre variáveis financeiras e sobre os prêmios de risco da economia. "Isso tem contribuindo para depreciação mais forte do real, de um lado acelerando ajuste externo e de outro reduzindo a revisão para baixo das expectativas de inflação", afirmou. Segundo ele, esses ajustes fazem parte do reequilíbrio da economia brasileira e lá na frente vai contribuir bastante para o crescimento sustentável.

### **Ambiente internacional**

O presidente do BC comentou que há hoje um ambiente internacional de transição. Ele lembrou da economia chinesa, que tem mudado do modelo exportador, calcado no setor manufatureiro, para um modelo onde o consumo interno é maior. "Esperamos peso maior no setor de serviços.

Esse ajuste tem ocorrido e é sujeito a volatilidade ao longo do processo. Temos nossa visão de que a China tem todos os instrumentos para fazer essa transição o mais suave possível", afirmou.

Tombini também disse que tem a perspectiva de que a nova fase de normalização da economia dos EUA comece em breve. "É importante que isso se dê com comunicação mais clara possível, de maneira a reduzir o nível de ansiedade e volatilidade nos mercados internacionais", avaliou.

## **Dilma veta possibilidade de financiamento de empresas em campanhas eleitorais**

25/09/2015 – Fonte: EM.com

A presidente Dilma Rousseff decidiu seguir decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) e vetou ponto da reforma política aprovada na Câmara dos Deputados que permite o financiamento empresarial a campanhas eleitorais.

Ela deixou o decreto presidencial assinado e a expectativa é de que a medida seja publicada até a próxima segunda-feira no Diário Oficial da União. A presidente embarcou na noite de ontem para Nova York, onde participa da abertura da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU).

Há dúvidas, ainda, sobre se Dilma vetará ponto que cria janela partidária para as próximas eleições municipais. Essa possibilidade dá condição para que políticos troquem de partido sem risco de perder o mandato no sétimo mês anterior à eleição.

Na segunda-feira, a presidente já havia indicado sua decisão em jantar com o comando do PCdoB. Na reunião, ela disse que não podia ir de encontro à decisão da Suprema Corte que, na semana passada, declarou inconstitucionais normas que permitem as doações empresariais.

Segundo relatos de participantes da reunião, Dilma disse, inclusive, que fez essa análise em conversa recente por telefone com o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que é favorável às doações empresariais. Mais cedo, no mesmo dia, o peemedebista afirmou que se a presidente vetar o ponto da reforma política que valida a prática estará interferindo na autonomia do Congresso Nacional.

Para Cunha, embora a Suprema Corte tenha considerado inconstitucional que empresas doem recursos a candidatos e partidos, o assunto não está encerrado. Na votação da reforma, as bancadas do PT, PCdoB, PSOL e PPS se posicionaram contra o financiamento empresarial.

O placar, no entanto, foi de 317 votos pela manutenção e 162 contra a proposta. Nos últimos dias, deputados e senadores de esquerda iniciaram uma campanha para que a presidente vetasse a doação empresarial para políticos e partidos.

A validade da proibição ao financiamento privado está em discussão na esfera jurídica. Apesar de o STF ter proibido as doações de empresas a partidos políticos, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Dias Toffoli, defendeu ontem liberar esse tipo de financiamento para os caixas das legendas pelo menos até o fim deste ano.

A proposta foi apresentada por Toffoli, que também é integrante do STF, durante a sessão da corte eleitoral, quando o ministro acertou a elaboração de uma resolução para tratar do tema. Segundo ele, a fixação da norma é necessária porque não ficou claro a partir de quando a decisão do Supremo terá efeito.

Toffoli afirmou que foi procurado por políticos e dirigentes partidários que demonstraram preocupação sobre a validade do julgamento do Supremo. "Nós temos que dar uma disciplina a respeito disso. Se o exercício financeiro se iniciou sobre determinada regra,

penso que deve terminar sobre essa determinada regra. Depois, se alguém entender que não é adequado que vá ao Supremo”, disse.

### **Inconclusivo**

O presidente do TSE e o ministro Gilmar Mendes entendem que o julgamento do STF não foi concluído. Isso porque o tribunal ainda precisa discutir a chamada modulação de efeitos, ou seja, estabelecer a partir de quando uma decisão seria aplicada.

O entendimento contraria posição do presidente do STF, Ricardo Lewandowski, que chegou a declarar que a decisão do Supremo tem efeito a partir de agora nos caixas dos partidos e nas eleições de 2016, proclamando o fim do julgamento e tratando o caso como encerrado.

Para Toffoli e Mendes, como não houve quórum mínimo de oito ministros para decidir sobre a modulação, os efeitos do julgamento não estão claros. “Temos que tomar decisão de como vai ficar essa situação, se há uma decisão que impede partidos de receber recursos financeiros de empresa sem modulação, aquele que recebeu uma semana antes está na ilegalidade.

E essas contas vão ser prestadas em 30 de abril de 2016. Isso tem que ser levado em conta no mínimo para ter uma razoabilidade. A lógica impõe exercício financeiro como parâmetro”, afirmou o presidente do TSE.

Gilmar Mendes reforçou o discurso e disse que, em seu entendimento, a nova regra valeria a partir das eleições de 2016. No STF, ele votou a favor da manutenção das doações empresariais. “Pelo que aprendi de processo constitucional antes dessa decisão do Supremo era que modulação de efeitos precisava de oito votos”, disse.

O ministro Henrique Neves, que deve relatar a resolução do TSE sobre o tema, teve posição diferente e disse que a proibição para doações de empresários aos partidos teria validade assim que fosse publicado o resultado do julgamento – o que deve ocorrer nos próximos dias. “Me parece que não há dúvida que a partir da publicação da decisão no Diário da Justiça os partidos não podem para o futuro receber recursos de pessoa jurídica”, afirmou.

## **Montadoras querem previsibilidade para planejar retomada**

25/09/2015 – Fonte: Automotive Business



Regras claras de ajuste fiscal e uma nova política econômica trariam mais segurança para o planejamento de 2016 e de anos seguintes, uma vez que 2015 é dado como perdido para as montadoras de veículos comerciais, concordam seus representantes que participaram dos painéis Caminhões e Ônibus durante o terceiro e último dia do 24º Congresso da SAE Brasil, realizado na quinta-feira, 24, em São Paulo.

O segmento de transporte de cargas e de passageiros é sem dúvida o que tem sofrido maior impacto na retração do mercado de veículos, que começou em 2014 e vem intensificando ao longo dos últimos meses.

“Até agora não sabemos como será 2016 porque o País necessita estabelecer regras mais claras para a retomada rumo ao crescimento. Temos uma responsabilidade muito grande sendo um dos principais setores da indústria, que gera milhares de empregos.

Acredito que como líderes, precisamos chacoalhar, chamar a atenção e alertar: se continuar assim, só vamos piorar. Sou extremamente otimista. Acredito firmemente no potencial do Brasil, não tenho dúvida que a retomada vai acontecer”, declarou Phillipp Schiemer, presidente da Mercedes-Benz no Brasil.

Por sua vez, Roberto Cortes, presidente da MAN Latin America e presidente desta edição do Congresso SAE Brasil, também reafirmou sua expectativa positiva, mas não soube datar alguma reação do mercado e da economia: “Já vivi 17 crises, esta é a 18ª. A única certeza que se tem é que elas vêm e vão. Quando essa vai? Pela complexidade, é difícil julgar, porque o que temos hoje é uma combinação de crise política com crise importada”.

Cortes relembra que há anos atrás, projetou um mercado nacional de 200 mil caminhões, época em que as vendas não passavam de 70 mil. “Chegamos a número extraordinário de 171 mil unidades há pouco tempo e hoje, coincidentemente, nosso volume deve ficar na casa dos 70 mil. Não me considero um otimista, mas sou uma pessoa esperançosa e crente neste País”.

“Continuo afirmando os 200 mil e espero que seja entre os próximos 3 e 5 anos. E quando a economia começar a voltar, vamos retomar muito rapidamente.” Cortes fala sobre fatores que devem ser priorizados para alcançar tal cenário esplendoroso, como a infraestrutura. Diferente de mercados maduros, como a Alemanha, que tem 100% das suas vias asfaltadas, o Brasil registra apenas 13% de asfalto em sua área, das quais boa parte em péssimas condições de rodagem. Além disso, a frota envelhecida, que tem duas vezes a idade que deveria ter. “Só a renovação da frota antiga geraria incremento de 30 a 50 mil novos veículos”, afirma.

Para ele, o Brasil voltará a ser um mercado que atrairá investimentos. “O mundo não tem muitos lugares para inserir dinheiro e fazê-lo render.” Alinhado ao discurso do presidente da MAN, o presidente da DAF, Michael Kuster, que assumiu o cargo há quase seis meses, reafirma que o potencial brasileiro ainda chama a atenção de grandes companhias globais, caso da Paccar, empresa norte-americana e dona da DAF, além de Kenwort e Peterbilt.

“Acredito que a renovação seja fundamental para este cenário e nossa estratégia está justamente focada em um produto de valor que é adequado à necessidade brasileira. Nosso desafio é mostrar ao cliente, já acostumado com marcas tradicionais, que temos a oferecer um bom produto, com baixo consumo, uma vez que combustível é dos maiores custos de uma frota, e que não quebre, garantindo a operação e produtividade.

E é essa aposta que nos fará chegar à meta de market share de 3,5% este ano, nós que somos recém-chegados a este mercado.”

Os painelistas concordam que este é um ano muito mais de sobrevivência do que qualquer outra característica. “Ter fornecedores juntos é uma vantagem, quando consideramos o consórcio modular em nossa fábrica de Resende, mas dada a queda deste ano, todos sofremos, afinal, no começo do ano, projetávamos um ano ‘normal’, e não uma queda de 50% e que piora cada mês”, desabafou Cortes.

Sobre câmbio, Schiemer comemora os benefícios da atividade com a alta do dólar perante o real e aponta a necessidade de buscar mais mercados: “Infelizmente, toda a América Latina está em queda, exceto o Peru que cresce 40% este ano. Isso indica que temos que retomar a atividade para outros países, em nosso caso, a África e o Oriente Médio. Sem



dúvida, a exportação vai melhorar nos próximos anos, porque o dólar ajuda, mas não vai compensar a queda do mercado interno”.

Para Kuester, é preciso também dar condições para o pequeno cliente ou o autônomo: “Precisa acontecer para validar a renovação de frota. Os bancos não estão dando crédito para este tipo de cliente e é preciso um olhar mais profundo para esta causa”.

### **Mercedes desenvolve motor-gerador para Eletra**

25/09/2015 – Fonte: Automotive Business



A Mercedes desenvolveu para a Eletra um motor-gerador de seis cilindros para aplicação no chassi superarticulado O 500 UDA de 23 metros, com quarto eixo direcional. Chamado de Dual Bus e com tecnologia Eletra, o veículo é considerado híbrido. Quando utiliza apenas as baterias, a versão é um elétrico puro.

Também pode ser usado como trólebus, operando em áreas com rede aérea quando necessário. O modelo híbrido reduz significativamente a emissão de poluentes, que chega a zero na operação com o motor-gerador desligado.

“A escolha pelo superarticulado O 500 UDA proporciona maior facilidade de operação, aspecto importante nas estações e terminais de passageiros”, afirma Curt Axthelm, gerente sênior de marketing de produto da Mercedes-Benz do Brasil.

O Dual Bus está no 11º Salão Latino-Americano de Veículos Elétricos, que ocorre até 26 de setembro no Expo Center Norte, em São Paulo. O chassi superarticulado é utilizado nos principais corredores de ônibus do Brasil e já teve mais de 900 unidades vendidas.

Na cidade de São Paulo ele se torna cada vez mais comum desde que começou a circular, no primeiro semestre de 2013. Pelo comprimento e capacidade de passageiros (quase 60 sentados e mais de 100 em pé), vem tomando espaço dos biarticulados.

### **Nissan Motor passa a ter subsidiária na Argentina**

25/09/2015 – Fonte: Automotive Business

A Nissan Motor passa a contar com subsidiária na Argentina. A operação é 100% controlada pela empresa japonesa e começou a funcionar em setembro após a compra da Nissan Argentina (NASA), que desde 2012 era a parceira local responsável pela importação e distribuição dos carros da marca no país.

A mudança é parte da estratégia da Nissan para a América Latina no longo prazo, que prevê produção local e administração de todo o negócio. Em abril deste ano a companhia anunciou investimento de US\$ 600 milhões na Argentina.

O aporte tem como objetivo a fabricação de uma picape média que compartilhará a plataforma com modelos do mesmo segmento feitos pela Renault e pela Daimler .

"Com esta aposta na Argentina, a corporação se junta a clientes e concessionários em um mercado com um significativo potencial para a Nissan.

Através do projeto de manufatura em Córdoba, desejamos nos tornar um membro-chave na comunidade automotiva de produção que posicionará a Argentina como uma potência global de picapes.

Com o tempo, nossos esforços estarão voltados para oferecer à Argentina o melhor da Nissan em veículos e serviços globais", apontou em comunicado Jose Valls, responsável pela Nissan América Latina.

## **México pode salvar vendas da Kia no Brasil**

25/09/2015 – Fonte: Automotive Business



"Não tem mais dinheiro para loucuras. Acabou." Assim José Luiz Gandini, presidente da Kia Motors do Brasil, define o momento atual dos importadores de veículos no País. "É a pior crise já vivida pelo setor aqui, não tenho dúvida disso.

Depois dos 30 pontos de IPI (sobretaxação a carros importados imposta pelo governo brasileiro desde 2012), o dólar a R\$ 4 praticamente acaba com o negócio", afirmou o empresário em reunião com alguns jornalistas.

Com o cenário de taxa de câmbio nas alturas, Gandini projeta para 2016 um ano ainda mais difícil do que tem sido os últimos quatro, quando as vendas da Kia mergulharam de 85,8 mil unidades em 2011 (pico histórico da marca coreana por aqui) para 23,8 mil em 2014.

Mas ainda existem no horizonte duas esperanças: a primeira, mais concreta, é a importação de uma cota da fábrica que a Kia constrói no México com isenção dos 35% de alíquota de importação; a outra, bem menos segura, seria o fim da sobretaxa de IPI, possibilidade que segundo Gandini é vista com simpatia por membros do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Com o argumento de preservar a indústria nacional e frear o crescimento acelerado das importações no País, desde 2012 o governo sobretaxa com 30 pontos percentuais adicionais o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) de veículos importados de fora do Mercosul e México ou com baixo conteúdo de peças nacionais.

Essa sobretaxação foi estendida para o Inovar-Auto, política industrial desenhada para o setor automotivo de 2013 a 2017, mas foi concedida uma cota com teto de 4,8 mil unidades isentas do imposto maior para os importadores que concordassem em atender metas de eficiência energética, etiquetagem veicular e investimento em pesquisa e desenvolvimento local.

"Na época eu era presidente da Abeiva (associação dos importadores de veículos, hoje Abeifa, que reúne fabricantes também) e levei ao então ministro Fernando Pimentel (do MDIC) a ideia de uma cota com base na média de vendas de três anos. Saí de lá aliviado

porque aceitaram minha proposta, mas aí colocaram o teto, que no caso da Kia equivalia a menos de 10% da nossa média de três anos, que era de quase 52 mil. Com isso nosso desempenho despencou”, lembra Gandini.

“Com o câmbio no nível em que está ninguém mais pode importar fora da cota, pois é impraticável pagar 30 pontos de IPI com o dólar a mais de R\$ 4, é impossível repassar. Por isso ninguém que eu conheça está trazendo carros além da cota”, destaca o importador da Kia no Brasil, que em 2012 chegou a importar oito vezes mais do que o teto permitido sem sobretaxação.

Ele afirma que está desenhando seu planejamento para 2016 para trazer da Coreia o máximo de 4,8 mil unidades permitidas sem pagamento de IPI extra, que torna o carro importado 32% mais caro em comparação com os que não pagam o tributo, segundo cálculos da Kia.

Volumes adicionais serão trazidos da fábrica do México, que começa a operar ano que vem, e do Uruguai, onde é montado em CKD o minicaminhão Bongo, cujas vendas são de cerca de 5 mil unidades/ano.

Se nada mudar em relação aos 30 pontos e ao câmbio, somando todas as fontes de importação Gandini projeta 2016 com vendas ainda menores do que os quase 24 mil modelos Kia que, ele estima, deverão ser emplacados no País este ano – volume idêntico ao de 2014, que foi 18% menor que o de 2013.

Mas o desempenho atual sugere dificuldades adicionais: de janeiro a agosto passado foram licenciados 11,4 mil veículos da marca, em retração de 26,5% sobre o mesmo período de 2014.

Com isso, Gandini acredita ser “bastante provável” nova redução de sua rede, que caiu de 180 concessionárias em 2011 para 135 agora. “Mantivemos a rede viva até agora graças aos serviços de pós-vendas para atender a uma frota de Kia que já chega a 350 mil veículos rodando no País, e também com a revenda de usados”, explica. “Já será bom se mantivermos o mesmo número de lojas em 2016.”

## **ESPERANÇAS BRASILEIRA E MEXICANA**

Para não ser obrigado a reduzir volumes e o tamanho de sua operação em 2016, Gandini foca esperanças em dois fatores: a fábrica mexicana da Kia e o fim dos 30 pontos extras de IPI.

Essa segunda parte parece ser improvável antes do fim da primeira fase do Inovar-Auto, que termina em 2017 e está baseado justamente nas concessões de benefícios fiscais gerados pela sobretaxação, isentando dos 30 pontos o valor das compras de peças nacionais e quem investe em produção no País.

Esta semana representante do MDIC admitiu que o governo pode pôr fim ao imposto extra, mas só na segunda fase do programa.

Contribui para a queda dos 30 pontos o processo movido pela União Europeia na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra o Brasil e a sobretaxação do Inovar-Auto, considerada ilegal pelos europeus por aplicar a bens importados tributação superior à máxima permitida de 35%.

Esta semana o Japão também fez a mesma reclamação na OMC. Caso o governo perca a contenda e menos de dois anos, o que é pouco usual nos processos da entidade, seria a melhor chance de obrigar à revogação do tributo extra antes do fim do Inovar-Auto em 2017.

“Estive no recentemente MDIC e muitas pessoas lá são a favor de acabar com isso. Não tenho certeza de nada, mas pelo que ouvi estou confiante que os 30 pontos podem ser revogados ainda em 2016, porque isso foi feito em outro momento, quando o dólar estava cotado a R\$ 1,60.

Hoje não faz mais sentido”, avalia Gandini. Ele espera também sensibilizar o governo alertando que a diminuição do setor de importação eleva o desemprego no País e reduz investimentos em pesquisa e educação.

O empresário estima que atualmente a operação brasileira da Kia tem 7 mil empregados, somando a importadora e as concessionárias. “Não é uma operação pequena, esse patrimônio precisa ser protegido também”, diz.

Além disso, para poder usar a cota do Inovar-Auto, a empresa deposita porcentual de seu faturamento em fundo de investimento destinado a fomentar pesquisa e desenvolvimento.

“Em 2014 depositamos R\$ 12,8 milhões, equivalente a 1% das receitas, este ano a obrigação sobe para 1,5%”, informa Gandini. “Estou depositando religiosamente o valor. Mas sei que tem gente que não está pagando nada”, alfineta.

Enquanto nada diferente acontece no Brasil, a maior oportunidade de aumentar as vendas com rentabilidade por aqui é trazer carros fabricados no México, país com o qual desde 2007 o Brasil mantém acordo de livre comércio bilateral de veículos leves, com isenção de imposto de importação, que também foi limitado por cotas a partir de 2012.

A planta mexicana da Kia recebe investimentos de US\$ 1 bilhão e terá capacidade para 300 mil unidades/ano, em operação que deve ser iniciada em maio próximo.

Gandini já fez seu pedido de importação do México, mas prefere não revelar a quantidade solicitada, porque não sabe ainda se será atendido. “Devemos trazer no segundo trimestre do ano que vem a nova geração do Cerato (sedã médio), que é o primeiro carro a ser fabricado lá.

Depois, a partir de agosto, vem o novo Rio (hatch médio feito sob a mesma plataforma), mas estou fazendo de tudo para adiantar isso, para poder lançar o modelo junto com a Olimpíada do Rio 2016”, revela o empresário. “Mais adiante pode vir também o KX3, um SUV pequeno da Kia já vendido na China. Tem o mesmo motor 1.6 e a plataforma do Cerato. Acho que pode dar muito certo aqui também”, aposta.

## **AUMENTOS DE PREÇOS**

Esperando para fechar uma operação de câmbio há mais de 15 dias, na esperança de ver a cotação do dólar baixar um pouco, Gandini avalia que os estragos feitos pela alta do dólar aos importadores ainda não chegaram ao mercado.

“Estou pagando hoje a produção na Coreia de outubro. São carros que só vão chegar ao Brasil em janeiro, aí sim com preços já totalmente afetados pela taxa de R\$ 4”, alerta.

Com isso, ele avalia que o negócio de importação de veículos deve recuar ainda mais em 2016, especialmente para os que vendem carros mais baratos. “Pode esquecer qualquer carro abaixo de R\$ 30 mil com esse câmbio”, diz, lembrando que o dólar também deve afetar o preço dos carros nacionais que têm componentes importados.

No atual cenário de curto prazo bastante nebuloso e volátil, Gandini estima que o mercado brasileiro de veículos leves mal chegue a 2,4 milhões de unidades vendidas este ano, mantendo o ritmo de 200 mil/mês. “A Anfavea fala em 2,6 milhões, mas eu não

acredito.” Ainda assim, o empresário destaca que o Brasil segue sendo um dos maiores mercados de veículos do mundo: “Não se pode perder isso de vista”, resume.

## **Ducati começa a montar Scrambler em Manaus**

25/09/2015 – Fonte: Automotive Business



Chega em outubro ao mercado a Ducati Scrambler, que resgata o estilo do modelo fabricado pela companhia nos anos 1970. A moto começou a ser montada em agosto em Manaus e junta-se a outros cinco modelos disponíveis no Brasil.

Por causa das oscilações do dólar, a empresa só vai revelar o preço durante o Salão Duas Rodas, que ocorre entre 7 e 12 de outubro. Uma pesquisa com revendedores aponta para algo perto ou acima de R\$ 35 mil. A primeira versão mostrada é a versão Icon. Outras opções estarão no salão.

“As motos que produzimos já estão todas vendidas”, garante o CEO da Ducati do Brasil, Antonino Labate. O executivo acredita que o modelo poderá frear a queda nas vendas. De janeiro a agosto foram emplacadas no País apenas 619 motocicletas Ducati, volume 16,1% menor que o do mesmo período do ano passado.

“Este ano venderemos cerca de mil motos e em 2016 vamos superar esse número, garante Labate, confiante no lançamento. “Em oito meses foram 14 mil unidades”, recorda, referindo-se aos números obtidos na Europa, Ásia e Estados Unidos.

A rede Ducati tem hoje dez revendas no Brasil. “Vamos inaugurar mais uma concessionária em São Paulo em outubro. Outras lojas estão programadas para Goiânia (GO), Brasília (DF) e Florianópolis (SC)”, garante Labate.

A Ducati foi comprada pela Audi em 2012. Portanto, pertence ao Grupo VW, afetado por um grande escândalo que deve gerar custos de € 80 bilhões. Apesar do problema, Labate não acredita que o futuro da Ducati esteja comprometido.

Sobre desvalorização do real, que encarece a importação dos componentes para a produção em Manaus, Labate admite que este é mesmo um problema, mas ele afeta também seus concorrentes.

### **COMO É A SCRAMBLER ICON**

A nova Ducati utiliza um motor de dois cilindros em “L” com 803 centímetros cúbicos e 75 cavalos. A altura do assento (79 cm, semelhante à de modelos urbanos de 250 cc) facilita a pilotagem.

O peso de 170 quilos também conta a seu favor e resulta da simplicidade do projeto. O tanque para 13,5 litros é suficiente para viagens curtas. Os pneus são de uso misto, asfalto-terra.

## **Distribuidores de aço plano esperam alta de preços pelas usinas a partir de outubro**

25/09/2015 – Fonte: CIMM

O Instituto Nacional dos Distribuidores Aço (Inda) espera que as siderúrgicas no Brasil comuniquem aumentos de preços de 7 a 10% a partir de 1º de outubro, com base em um cenário restritivo para importações e apesar da paralisia do mercado interno, disse o presidente da entidade, Carlos Loureiro, nesta quinta-feira (24).

Segundo Loureiro, os preços praticados atualmente pelas usinas siderúrgicas no país estão exibindo "prêmios negativos" para todas as linhas de produtos, com a bobina a quente com preços no mercado interno com prêmio 10 a 12% negativo em relação ao material importado.

"Com o dólar do jeito que está, espaço para reajuste existe (...). O reajuste deve sair, mas não de uma vez", disse Loureiro.

"Hoje está muito difícil importar e os bancos praticamente cortaram as linhas de crédito aos importadores (...) A grande dificuldade que as usinas tinham para reajustar sempre foi o material importado", acrescentou.

Segundo o Inda, as importações de aço plano em agosto caíram 36% sobre julho e 48% sobre o mesmo mês do ano passado, a 95,2 mil toneladas. No acumulado do ano, as importações mostram queda de 8,8% sobre um ano antes, a 1,350 milhão de toneladas. Loureiro afirmou que importadores que acertaram embarques meses atrás agora estão recusando receber o material.

Apesar da queda, os distribuidores seguem com níveis elevados de estoques, a 982,4 mil toneladas, encerrando o mês passado com volume suficiente para 3,9 meses de vendas quando a média histórica é de 2,5 e 2,8 meses.

Nas últimas duas semanas rumores no mercado apontaram para comunicados contidos de reajustes de preços pelas usinas siderúrgicas junto aos distribuidores. A Reuters ouviu uma série deles em São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, nos últimos dias mas nenhum confirmou recebimento de comunicações oficiais de reajuste.

Segundo Loureiro, a única empresa a ter comunicado oficialmente aumento de preços de aço planos informados data de início de vigência, foi a ArcelorMittal, a partir de 1º de outubro.

Representantes da companhia não puderam ser contatados de imediato para comentar o assunto.

No início do mês, fontes afirmaram à Reuters que a Gerdau tinha reajustado seus preços de aços longos e planos a distribuidores, mas que não tinha sido acompanhada por siderúrgicas rivais como CSN e Usiminas.

Na outra ponta do mercado, a de compradores industriais como montadoras de veículos ou grandes fabricantes de máquinas e equipamentos, Loureiro, entretanto, vê dificuldade de reajuste de preços pelas usinas junto aos clientes com contratos de longo prazo justamente por causa da conjuntura de fraqueza econômica do país.

Segundo o Inda, o consumo aparente de aço plano no mercado interno brasileiro deve cair 20% este ano. Para o setor de distribuição, a expectativa é de queda nas vendas de mais de 22% ante às 4,543 milhões de toneladas comercializadas em 2014.

Em agosto, as vendas dos distribuidores foram as mais fracas para o mês desde 2006, a 254,4 mil toneladas, com todos os principais produtos acumulando quedas de dois dígitos sobre um ano antes.

## **Poli-USP passa a oferecer mestrado voltado ao Inovar-Auto**

25/09/2015 – Fonte: CIMM

A Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) volta a oferecer mestrado profissional em engenharia automotiva. O curso, que já foi oferecido entre os anos 2000 e 2010, retorna com novidades: o foco agora está em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Com isso a instituição quer atender a necessidade do Inovar-Auto de aumentar esforços nesta área.

O regime automotivo também poderá servir como fonte de financiamento para a pesquisa do curso. Para entrar no processo seletivo, o candidato precisa ser formado em engenharia e atuar no setor automotivo. Será necessário propor um projeto de pesquisa patrocinado pela empresa em que o profissional trabalha.

A ideia é que a pesquisa possa ser contemplada pelas regras do Inovar-Auto, que estimula investimentos em pesquisa e desenvolvimento tecnológico, incluindo a etapa da pesquisa, a execução do projeto e a capacitação dos profissionais envolvidos.

No novo formato o curso teve o número de disciplinas reduzido de 10 para seis. Com isso, ficará maior a carga horária dedicada ao projeto. “A proposta é que o aluno realize pesquisa que resulte em solução para um desafio tecnológico ou problema real de sua empresa, contribuindo para o aumento de conhecimento e competitividade da organização”, aponta o professor Ronaldo de Breyne Salvagni, coordenador do mestrado. Segundo ele, com este formato o orientador passa a ter também o papel de consultor para o desafio que o profissional enfrenta na empresa.

O curso pretende capacitar pessoas para fomentar e liderar os processos de desenvolvimento tecnológico e inovação no setor automotivo. As inscrições para a turma 2016 vão de 13 de outubro a 13 de novembro deste ano. O início do curso está previsto para fevereiro de 2016. Mais informações com Monica Guerra, pelo telefone (11) 3817-5488 e pelo e-mail [mpauto@usp.br](mailto:mpauto@usp.br).

## **Mercopar 2015 reunirá mais de 400 expositores**

25/09/2015 – Fonte: CIMM

A 24ª edição da Mercopar – Feira de Subcontratação e Inovação Industrial, que acontece de 6 a 9 de outubro, contará com mais de 400 expositores no Centro de Feiras e Eventos Festa da Uva, em Caxias do Sul.

Empresas de todos os portes, especialmente micro, pequenas e médias, apresentarão seus principais produtos e serviços com o objetivo de encaminhar negócios, firmar parcerias e multiplicar conhecimentos nas áreas de automação industrial, borracha, eletroeletrônico, energia e meio ambiente, metalmecânico, movimentação e armazenagem de materiais, plástico e serviços industriais.

Serão cerca de 16.000 m<sup>2</sup> de área de exposição com empresas de vários estados, com destaque para o Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

“Este é um momento especial, onde o empresário precisa aproveitar todas as oportunidades. E a Mercopar representa um importante meio para a realização de

negócios, para a troca de informações, para que se saiba o que está acontecendo no mercado. O ambiente em que a feira acontece é voltado para o empreendedorismo, conhecimento e inovação. Quem estiver preparado tem grandes chances de obter bons resultados”, afirma o diretor-superintendente do Sebrae/RS, Derly Fialho.

Outro fator positivo que contribui para um cenário fomentador de negócios é o perfil cada vez mais qualificado dos visitantes, formado por profissionais com poder de decisão sobre investimentos, como empresários, compradores e vendedores, distribuidores, fornecedores, técnicos e representantes comerciais. No ano passado, cerca de 35 mil pessoas estiveram no evento.

A Mercopar é realizada pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul (Sebrae/RS) e pela Hannover Fairs Sulamerica, empresa do Grupo Deutsche Messe AG. O cadastro para visitação, assim como mais informa es sobre o evento, pode ser obtidas pelo [site](#) do evento.

### **Preços de produtos na 'porta da fábrica' sobem 0,97% em agosto, revela IBGE**

25/09/2015 – Fonte: EM.com

O Índice de Preços ao Produtor (IPP) registrou alta de 0,97% em agosto, informou nesta sexta-feira, 25, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em julho, a taxa ficou em 0,72%, conforme dado revisado nesta sexta a partir da incorporação da indústria extrativa no cálculo (na leitura inicial, sem indústria extrativa, o avanço era de 0,68%).

O IPP mede a evolução dos preços de produtos na "porta da fábrica", sem impostos e fretes, de 23 setores da indústria de transformação, além da indústria extrativa. A divulgação de hoje inaugura a inclusão do setor extrativo no IPP.

Considerando apenas a indústria extrativa, houve queda de 8,70% nos preços em agosto, após avanço de 1,86% em julho. Já a indústria de transformação registrou alta de 1,29% no IPP no mês passado, após elevação de 0,68% em julho.

Com o resultado anunciado há pouco, o IPP de indústrias de transformação e extrativa acumula altas de 4,63% no ano e de 7,27% em 12 meses.

### **Investidor teme calote e o risco Brasil dispara**

25/09/2015 – Fonte: EM.com

A percepção negativa do mercado financeiro em relação aos rumos das contas públicas e do cenário político no Brasil acendeu a luz amarela entre os investidores internacionais.

Esse temor acelerou o risco Brasil percebido pelos investidores ao se observar os patamares do credit default swap (CDS), espécie de seguro contra o risco de calote.

O contrato de proteção contra eventual não pagamento da dívida pública para cinco anos ultrapassou ontem pela manhã a marca de 500 pontos básicos, nível bastante superior ao de outros países emergentes com rating especulativo. No fim do dia fechou a 483 pontos, acima do risco de países sem grau de investimento.

A deterioração da percepção de risco do Brasil em 2015 é acelerada. No dia 2 de janeiro, o CDS para cinco anos marcava 206 pontos. Em março, quando houve o primeiro protesto contra o atual governo, o CDS fechou bem abaixo desse valor, aos 307,75 pontos em 16 de março.



Na segunda-feira, fechou aos 428 pontos; subindo para 465 no dia seguinte; 475 na quarta-feira e finalmente atingir os 483 pontos no fechamento de ontem. Os números demonstram a maior procura por seguros no atual período de turbulência.

A evolução acelerada, segunda especialistas, reflete a antecipação do mercado em relação a um possível novo corte do rating brasileiro, o que levaria à perda do grau de investimento – no caso da Fitch é preciso descer ainda dois degraus, de BBB para BB-.

Com o rebaixamento da Standard & Poor's, o CDS subiu para 391 pontos no dia 10.

Com o avanço, superou o CDS de outros países emergentes. Exemplo: Turquia (315) e Rússia (381) são classificados no grau especulativo. Na comparação com seus pares no Brics também é percebida certa distorção.

Índia (174), África do Sul (268) e China (119) apresentam patamares bastante inferiores. Na média, o CDS das economias que integram a Aliança do Pacífico (Chile, Peru, Colômbia e México), por exemplo, é de 173 pontos.

Em 2011, o indicador de risco brasileiro chegou a marcar 141,2 pontos, abaixo do nível dos Estados Unidos pela primeira na história. No nível mais alto, nos últimos meses do governo Fernando Henrique Cardoso, o CDS elevou-se em nível recorde perto dos 4 mil pontos.

Segundo o economista da XP Investimentos, Gustavo Cruz, o fato de o Brasil estar com pontuação superior a destes países sem grau de investimento reflete a antecipação do mercado a uma possível perda de grau de investimento pelo Brasil em mais uma agência de classificação de risco.

“O mercado vê que não terá como manter o rating (nota de crédito)”, diz. “Não há perspectiva de melhora no curto prazo. O orçamento para o ano que vem é deficitário e há dificuldade para aprovação de um ajuste fiscal”, pontua.

O coordenador do curso de Relações Internacionais do Ibmec, Reginaldo Nogueira, afirma que o atual patamar do CDS reflete a rápida evolução da dívida bruta brasileira nos últimos anos ante a dificuldade de interrupção da trajetória dada o atual ambiente político. Em 2010, a dívida representava 53,4% do PIB; subiu para 58,6% em 2012 e está em 63%.

**Exagero** Em comparação com outros países, segundo Nogueira, é possível perceber a diferença. Paquistão, por exemplo, com nível do CDS próximo ao do Brasil, em 494 pontos, também tem dívida bruta de 63%.

“Quanto maior a dívida bruta maior a dificuldade para se arrolar esse débito”, afirma o professor. E logo acrescenta:

“Além de olhar o tamanho, é preciso observar a dinâmica. No caso brasileiro, não tem expectativa de interromper o crescimento. A dívida está acima de 60% e rumo aos 70%”.

Apesar disso, é ínfima a probabilidade de calote do Brasil. Segundo modelo da Bloomberg, que considera fatores como dívida externa, reservas internacionais e estimativa de crescimento, a probabilidade de o país declarar default nos próximos 12 meses é de 0,07%.

“É claro que a percepção de risco dos investidores está exagerada, uma vez que é considerado muito pouco provável que o governo brasileiro dê um calote”, afirma o economista da Tendências Consultoria Integrada, Sílvio Campos Neto. (Com agências)

## Saiba mais

### O QUE É CDS

*O CDS é um contrato bilateral que permite ao investidor comprar proteção para crédito específico contra evento de crédito (default) do emissor de determinado ativo. Um evento de crédito inclui ocorrências tais como inadimplência, falha em pagamentos, reestruturação de dívida ou falência do emissor do ativo.*

*Para adquirir essa proteção, o comprador faz pagamentos periódicos ao vendedor, normalmente trimestrais ou semestrais, especificados como percentual do principal. Essa porcentagem é conhecida como spread, prêmio ou taxa fixa, e representa, para o investidor em ativo de risco, o custo para a proteção contra um default (calote) relacionado com o emissor do ativo. (Banco Central).*

## Preços de ativos não se ajustam à crise e dificultam negócios, dizem gestores

25/09/2015 – Fonte: EM.com

A crise no Brasil e a forte desvalorização do real em relação ao dólar aumentaram substancialmente as buscas de empresas e investidores por oportunidades de fusões e aquisições, mas isso poderá não se refletir em um aumento do número de negócios fechados este ano.

A percepção dos gestores é que os preços dos ativos não estão ajustados o suficiente para refletir a situação brasileira e a falta de visibilidade sobre a economia do País para os próximos anos e eles dizem que maioria dos negócios está parada.

"Há muita gente querendo fazer negócio, mas as incertezas estão dificultando na hora de os fundos estruturarem o planejamento do investimento no atual cenário", disse o sócio da Pátria Investimentos, Ricardo Scavazza, durante o Forum Brasil de Fusões e Aquisições e Private Equity 2015, que acontece em São Paulo.

"É preciso ser muito seletivo, encontrar boas empresas, casos diferenciais e conseguir embutir todo esse cenário no valuation", destaca Scavazza.

Segundo ele, no entanto, o ajuste de preços no mercado privado é mais lento e muitas vezes não se consegue fechar um valuation que reflita o cenário do Brasil hoje. "Vai haver negócios, mas um número de transações menor, apesar da demanda forte do mercado", disse.

### Setores

O presidente da Carlyle no Brasil, Fernando Borges, acrescentou que esse ambiente levará os fundos a olhar setores onde se tem maior experiência, já que a partir de agora será necessário que se agregue mais valor às empresas para se conseguir gerar retorno.

"Precisará haver ganho de eficiência, não posso contar com a receita crescendo muito", disse. Scavazza, do Pátria, completa que os fundos terão que garantir mais performance na gestão do que no cenário macroeconômico.

Borges afirmou ainda que há hoje no mercado brasileiro um leque muito maior de ativos disponíveis e que o poder está nas mãos do comprador, que fica com maior força de barganha no momento da negociação.

"Ninguém esperava que o cenário fosse ficar tão ruim, com o mercado de capitais praticamente fechado. Há muito vendedor e estamos vendo ativos muito bons, de excelente qualidade, que em situações normais nunca falaria com um private equity", disse.

O presidente da gestora ressaltou que a cautela por parte do investidor é grande, mas hoje, na sua visão, está mais atrativo entrar no Brasil do que era há dois anos. Neste ano o Carlyle comprou uma fatia da Rede D'Or, marcando o primeiro investimento estrangeiro no segmento da saúde no Brasil, após mudança na legislação. "Mas as captações estão muito mais difíceis, já que esbarram nas questões macro no Brasil", disse.

### **Pesquisa aponta que executivos brasileiros são os mais pessimistas**

25/09/2015 – Fonte: Época Negócios

Os executivos brasileiros são os mais pessimistas do mundo. A pesquisa Panorama Global dos Negócios mostra que, numa escala de 0 a 100 pontos, o otimismo dos CFOs (diretores financeiros) está em 36,9 pontos, um pouco acima do verificado na pesquisa do trimestre anterior (35,7 pontos), embora ainda na lanterna mundial.

O levantamento mostra que os executivos dos Estados Unidos (60 pontos) são os mais otimistas. Em seguida, estão os diretores financeiros da Europa (57,9), Ásia (55,6) e África (48,2). No recorte feito para a América Latina, excluindo o Brasil, o otimismo apurado está em 45,3 pontos. A pesquisa trimestral - realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Duke University e CFO Magazine - também apurou pontos preocupantes em setores-chave da economia brasileira, como emprego e investimento.

No mercado de trabalho, os executivos projetam uma retração em todas as formas de contratação neste trimestre. Recuo de 1% no emprego permanente, de 2% no temporário, e de 3,6% no terceirizado. Percepção recorrente.

Na leitura realizada no trimestre anterior, já havia uma sinalização da piora no mercado de trabalho. A queda prevista nas contratações permanentes era de 6,6%, na dos trabalhadores temporários de 4,2% e na dos terceirizados de 9,6%.

"A nossa impressão é que as empresas já fizeram um forte ajuste no pessoal, mas ainda existe uma tendência de aumento do desemprego", afirma Antonio Gledson de Carvalho, professor da Fundação Getúlio Vargas e um dos autores do levantamento.

O estudo também teve a participação do professor Klenio Barbosa. Com relação ao investimento, a queda projetada é de 1,9%. No trimestre anterior, era de 8,3%. A pesquisa foi concluída em 3 de setembro e entrevistou 1 mil diretores financeiros, sendo 194 na América Latina e 55 no Brasil.

### **Brasil entrou numa espiral negativa, diz El-Erian em artigo**

25/09/2015 – Fonte: Época Negócios

O famoso gestor Mohamed El-Erian, ex-executivo-chefe da Pimco, escreveu um artigo na quarta-feira afirmando que o Brasil precisa desesperadamente de um choque para interromper a espiral negativa que engolfou a economia.

Sem isso, em vez de uma reversão natural com a mudança do ciclo econômico, a situação poderia se deteriorar ainda mais, afetando a população mais pobre e tornando o sistema político mais disfuncional.

"O Brasil está experimentando uma repetição do tipo de deslocação financeira de mercados emergentes que muitos esperavam que tivesse ficado na década de 1980 e início dos anos 2000. Os três principais mercados financeiros estão presos em um processo mutuamente alimentado de destruição de valor. O resultado é uma horrível combinação de forte desvalorização cambial, crescentes custos de financiamento externo e taxas de juros domésticas maiores", escreve El-Erian.

Segundo ele, essas tendências prejudiciais exacerbam o risco de dois ciclos viciosos adicionais. O primeiro é a ligação entre as dívidas soberanas e os títulos corporativos. O segundo é o elo entre o setor financeiro e as projeções para a economia real.

"Quanto pior estiverem os mercados financeiros, maior o risco para a economia mais ampla, que já está lutando com uma recessão e inflação elevada". Para El-Erian, isso pode levar a um aumento estrondoso nos custos de produção, queda na atividade, alta no desemprego, recuo nos salários reais e crescente fuga de capital.

## **Relatório**

A Pimco é a maior gestora de bônus do mundo, com US\$ 1,5 trilhão em ativos sob gestão. Em relatório divulgado ontem, ela prevê que a recessão no Brasil deve piorar ainda mais este ano e avalia que os riscos negativos para o País "são significativos". Além disso, o ambiente político deve seguir ditando os rumos do cenário macroeconômico do país.

"Estamos prevendo que a recessão vá se aprofundar ao longo deste ano com riscos descendentes significativos na medida em que a confiança dos empresários e os investimentos continuam fracos", afirma o documento, assinado pelos analistas Richard Clarida e Andrew Balls. "No Brasil, as perspectivas macro serão em grande parte um derivado da política interna, uma vez que o impasse no Congresso continua."

A perspectiva para o avanço do ajuste fiscal no curto prazo permanece pequena, na medida em que a turbulência política deve continuar em Brasília, destaca o relatório. Para a inflação, a expectativa é um pouco melhor.

Os índices de preços devem ficar bem acima da meta do Banco Central em 2015, mas devem começar a cair a partir do primeiro trimestre de 2016. Um dos riscos para pressionar os preços para cima seria a forte desvalorização recente da moeda, ressalta o documento. Por outro lado, uma piora da recessão pode ajudar a reduzir as pressões inflacionárias. Mesmo assim, a Pimco não espera que o BC baixe os juros de forma significativa.

## **Queda na produção se acentua em agosto, informa CNI**

25/09/2015 – Fonte: Agência CNI

A atividade na indústria manteve a trajetória de queda em agosto. O índice de evolução da produção atingiu 42,7 pontos ante 44 pontos registrados em julho. Já a utilização da capacidade instalada (UCI) se manteve estável em 66%, contrariando a tendência de crescimento da atividade usual nesta época para atender às vendas de fim de ano.

As informações são da Sondagem Industrial, divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) dia 23 de setembro. O índice de evolução da produção varia no intervalo de 0 a 100 pontos. Valores abaixo de 50 pontos indicam retração e, quanto mais abaixo da linha divisória de 50 pontos, mais disseminada é a queda na produção.

É o segundo ano consecutivo que o índice de evolução da produção fica abaixo dos 50 pontos em agosto, ao contrário do que ocorreu entre os anos de 2010 e 2013. Outro indicador negativo é o que mostra que os estoques estão acima do planejado. O indicador ficou em 53 pontos em agosto, o que revela excesso.

De acordo com o economista da CNI Marcelo Azevedo, o excesso de estoques poderá adiar ainda mais a recuperação da atividade industrial.

Além disso, o mercado de trabalho na indústria teve mais um recuo. O indicador de evolução do número de empregados registrou 41,2 pontos e permanece abaixo da linha divisória dos 50 pontos, indicando queda do emprego.

**EXPECTATIVAS** – A retração da atividade industrial intensificou o pessimismo dos empresários. Com exceção das expectativas para as exportações, que são de estabilidade na quantidade exportada, com 50,2 pontos, as perspectivas para os próximos seis meses são de redução da demanda, do número de empregados e da compra de matéria-prima.

Enquanto o índice de expectativa de demanda registrou 45,8 pontos, o de número de empregados ficou em 41,8 pontos e o de compras de matéria-prima assinalou 42,8 pontos.

O fraco desempenho da indústria aliado a expectativas negativas para os próximos meses reduziu ainda mais a disposição de investimentos dos empresários. O índice de intenção de investimento, que registrou 39,2 pontos em setembro, é o menor da série histórica iniciada em 2013.

A Sondagem Industrial foi feita entre 1º e 14 de setembro, com 2.375 indústrias de todo o país. Dessas, 988 são pequenas, 836 são médias e 551 são de grande porte.

### **Artigo: Os vícios do desenvolvimentismo**

25/09/2015 – Fonte: O Estado de S. Paulo

Em 7/11/2011, eu e meu colega Carlos Melo publicamos neste jornal um artigo chamando a atenção para as consequências do que denominamos “empoderamento desenvolvimentista”.

À época, com respaldo da presidente Dilma, multiplicaram-se subsídios, benefícios tributários e iniciativas diversas de apoio setorial centrados na trinca ministerial da Fazenda, Desenvolvimento e Ciência e Tecnologia. Ao final do artigo, alertamos:

“A presidente Dilma diz querer rigor no controle inflacionário, mas não vê com maus olhos medidas, como essas, que podem encarecer os produtos no Brasil e/ou aumentar gastos”. Deu no que deu. Não só essas iniciativas falharam em salvar a indústria, como a inflação se acelerou e caminhamos para um progressivo descontrole fiscal.

Para esconder os custos do projeto desenvolvimentista, o governo recorreu a maquiagens e pedaladas fiscais cuja conta pagamos até hoje. O aumento do crédito público elevou a dívida bruta do País - contribuindo para a recente perda do grau de investimento - ao mesmo tempo que a taxa de investimento pouco mexeu do patamar de 16% sobre o PIB.

Esse fracasso resulta de dois vícios graves do desenvolvimentismo. O primeiro é a sistemática desconsideração sobre os custos e benefícios das suas propostas. Muito raramente se analisa o quanto uma iniciativa de proteção custa aos cofres públicos e se esse dinheiro não poderia ser mais bem empregado em áreas de maior efeito sistêmico na economia. Cada centavo de apoio a um dado setor poderia ser usado para apoiar uma estrada num local remoto, um novo projeto de saneamento ou um novo hospital.

Alguns desenvolvimentistas chegam até mesmo a minimizar a importância dessas análises, por considerá-las estáticas ou sujeitas a incerteza. Para eles, é melhor o País seguir uma “missão” de desenvolvimento. Mas, sem algum tipo de análise, a missão escolhida será geralmente aquela apoiada por grupos de interesse bem conectados e influentes.

Não é de estranhar, assim, que o discurso desenvolvimentista agrade a grupos que só fazem buscar mais proteção. O cômputo de custos e benefícios ajuda justamente a impor disciplina na escolha de ações refletindo o melhor interesse público.

O segundo vício do desenvolvimentismo é não atentar para a execução das políticas propostas. A moderna literatura de política industrial propõe que devem ser estabelecidas

metas de desempenho e que os benefícios devem continuar se, e somente se, essas metas forem cumpridas.

Aqui, fazemos o contrário. Em artigo escrito no Valor Econômico em 23/11/2010, um alto executivo do BNDES escreveu que a maioria das metas do plano de desenvolvimento estabelecido à época não seria cumprida. Segundo ele, “não cumpri-las não significa necessariamente um insucesso, mas impõe novos esforços de avaliação e planejamento”.

Por fim, emendou: “A política deve ter um norte, mas ser flexível e adaptável às circunstâncias”. É exatamente esse tipo de discurso que abre espaço para que mais e mais grupos clamem por proteção justificando “circunstâncias” que nada mais são que desculpas mascarando interesses particulares.

A situação à qual chegamos requer uma orientação radicalmente distinta. Não se propõe, aqui, eliminar estruturas de suporte público, e, sim, evitar os vícios que nos levaram a políticas custosas e pouco efetivas.

Toda nova proposta de apoio deve ser acompanhada de uma criteriosa análise de custos e benefícios, preferencialmente realizada ou validada por terceiras partes livres de conflitos de interesse.

Uma vez aprovada a proposta, devem ser colocadas metas claras, acompanhadas por órgãos de controle independentes e com o compromisso de cessar o benefício caso as metas não sejam cumpridas. Se existe alguma missão que o desenvolvimentismo deveria agora encampar para o bem do País, é a busca de maior critério e disciplina no uso de recursos públicos.

**\* Sérgio Lazzarini é professor titular do Insper. É autor de 'Capitalismo de Laços' e de 'Reinventando o capitalismo de estado'. E-mail: sergiogl1@insper.edu.br**